

ASSASSIN'S CREED™

REVELAÇÕES

OLIVER BOWDEN



*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

Tradução de João Felix



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

PARTE UM

Da nossa vida, em meio da jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.
Dizer qual era é cousa tão penosa,
Desta brava espessura a asperidade,
Que a memória a relembra inda cuidadosa.¹

Dante, *Inferno*

¹ Alighieri, Dante, *A Divina Comédia*, trad. José Pedro Xavier Pinheiro, Atena Editora (1955). (N. do T.)

Uma águia voava a grande altitude no céu ofuscante e limpo. O viajante, coberto de pó e cansado pela estrada, desviou os olhos dela, trepou e atravessou um muro irregular, e ficou parado por um momento, examinando a cena com olhos astutos. As montanhas escarpadas com os picos cobertos de neve cerceavam o castelo, protegendo-o e enclausurando-o, erigido no seu cume altaneiro, com a abóbada da torre de menagem a refletir-se na abóbada menor da torre da prisão adjacente. Rochas férreas semelhantes a garras sobressaíam das bases das suas muralhas polidas e cinzentas. Não era a primeira vez que o via — no dia anterior tivera o primeiro vislumbre, no crepúsculo, a partir de um cabo que tinha escalado a um quilómetro e meio a oeste dali. Construído como que por feitiçaria neste terreno impossível, uno com as rochas e as escarpas com que se aliava.

Tinha finalmente chegado ao seu destino. Depois de doze penosos meses de viagem. E que longa viagem fora; os caminhos tinham sido difíceis e o tempo mau.

Agachando-se, só para prevenir, e mantendo-se quieto enquanto inspecionava instintivamente as armas, o viajante manteve-se de vigia. À espera de um sinal de movimento. Um sinal.

Não se via viva alma nas ameias. Rajadas de neve espiralavam com o vento cortante. Mas nem sinal de um homem. O lugar parecia deserto. Era como esperava daquilo que tinha lido. Mas a vida ensinara-lhe que era sempre melhor ter a certeza. Manteve-se imóvel.

Nem um som trazido pelo vento. Depois ouviu-se algo. O som de algo a raspar? Uma mão-cheia de calhaus rolou por um declive à sua esquerda. Ele retesou-se, erguendo-se ligeiramente, com a cabeça encolhida entre os ombros. Depois a seta alojou-se no seu ombro direito, atravessando essa parte da armadura.

Cambaleou ligeiramente, contorcendo-se de dor ao pôr a mão na seta e, levantando a cabeça para olhar atentamente para um amontoado

de rochas enfileiradas que revelavam um pequeno precipício de talvez seis metros de altura erguido defronte do castelo e que servia servia de muralha exterior natural. No seu cume surgia agora um homem numa austera túnica vermelha com vestes cinzentas e uma armadura a cobri-la. Envergava a insígnia de capitão. A sua cabeça calva tinha sido rapada na totalidade e uma cicatriz atravessava-lhe a face, descendo da direita para a esquerda. Abriu a boca numa expressão que era uma mistura de um rosnido com um sorriso de triunfo, exibindo uns dentes estragados e irregulares, castanhos como as lápides num cemitério abandonado.

O viajante puxou a seta pela haste. Embora a ponta afiada tivesse penetrado na armadura, apenas tinha rasgado o metal e mal lhe tinha entrado na carne. Partiu a haste ao meio e atirou-a para o lado. Enquanto o fazia, viu mais de uma centena de homens armados, vestidos do mesmo modo, com as alabardas e as espadas prontas, a alinharem-se pela crista do penhasco ao lado do capitão de cabeça rapada. Elmos com proteções nasais ocultavam-lhes as caras, mas os brasões com a águia negra nas suas túnicas revelavam quem eram, aos olhos do viajante, que sabia o que o esperava se fosse capturado.

Estaria a ficar velho para ter caído numa cilada tão simples? Mas tinha tomado todas as precauções.

E ainda não tinha acontecido.

Recuou, preparado para eles enquanto desciam aos magotes pela plataforma acidentada do solo onde estava posicionado, dispersando-se para o cercar, mantendo a sua presa à distância das suas alabardas. Podia sentir o temor deles, mesmo sendo muitos. A sua reputação era conhecida, e eles tinham razão em serem tão cautelosos.

Examinou as extremidades das alabardas. Eram duplas: num extremo um machado, no outro uma lança.

Esticou os braços e fez surgir duas lâminas escondidas aguçadas, cinzentas e mortíferas. Fortalecendo a sua posição, defletiu o primeiro golpe, sentindo que tinha sido hesitante; quereriam eles capturá-lo vivo? Depois começaram a atacar de todos os lados com as suas armas, tentando colocá-lo de joelhos.

Rodopiou, e com dois movimentos limpos cortou pelo punho duas alabardas que estavam por perto. Enquanto a extremidade de uma delas voava pelo ar, ele retraiu uma das lâminas ocultas e apanhou a ponta partida da alabarda antes que caísse no chão. Segurando na mão a ponta remanescente, enterrou a lâmina do machado no peito do seu antigo dono.

Depois fecharam ainda mais o cerco, e ele curvou-se mesmo a tempo quando uma corrente de ar assinalava a passagem de uma alabarda arremessada que cortava sobre ele, falhando por um centímetro as suas costas

curvadas. Girou selvaticamente, abrindo uma clareira, e cortou as pernas de um atacante que se lhe deparou, com a sua lâmina oculta esquerda. O homem tombou com um uivo.

O viajante apanhou a alabarda caída, que um momento antes quase acabara com ele, e rodou-a pelo ar, decepando as mãos a mais um dos seus atacantes. As mãos descreveram um arco no ar, com os dedos curvados como que pedindo misericórdia, desenhando um trilho de sangue, como um arco-íris vermelho.

Isso fê-los parar por um momento, mas estes homens já tinham visto cenas piores do que aquela, e o viajante teve apenas um segundo de descanso antes de começarem novamente a investir. Balançou a alabarda e cravou fundo a sua lâmina no pescoço de um homem que, um instante antes, tentara derrubá-lo. O viajante soltou o seu punho e recolheu a sua outra lâmina oculta de modo a libertar as mãos para agarrar um sargento que empunhava uma espada de lâmina larga, atirando-o para cima de um emaranhado das suas tropas e tirando-lhe a espada. Tomou-lhe o peso, sentindo os bíceps retesarem-se enquanto a segurava com as duas mãos e a empunhava mesmo a tempo de rachar o elmo de outro alabardeiro, desta vez surgindo pelo lado esquerdo da sua retaguarda, tentando apanhar-lhe o ângulo morto. A espada era boa. Melhor para a presente função do que a cimitarra na sua cintura, adquirida durante a sua viagem, ou do que as lâminas ocultas para combate corpo a corpo. Nunca lhe tinham falhado.

Agora fluíam mais homens do castelo. Quantos seriam necessários para subjugar este homem solitário? Eles rodeavam-no, mas ele rodopiava e saltava para os confundir, tentando aliviar a pressão deles ao lançar-se para cima das costas de um homem, equilibrando-se, segurando-se e defletindo um golpe de espada com a proteção de metal sólido no seu punho esquerdo e virando-se para enterrar a sua própria espada no flanco do seu atacante.

Mas depois deu-se uma calmaria momentânea. Porquê? O viajante parou, recuperando o fôlego. Houve tempos em que não precisava de recuperar o fôlego. Olhou para cima. Ainda estava rodeado pelas tropas com cota de malha cinzenta.

Mas entre eles, o viajante viu subitamente outro homem.

Outro homem. Movendo-se entre eles. Discreto, sereno. Um jovem vestido de branco. Vestido de resto como o viajante, usando o mesmo capote sobre a cabeça, com o capuz pontiagudo, como o seu, à frente da cabeça, como o bico de uma águia. Os lábios do viajante abriram-se com a admiração. Todos pareciam estar em silêncio. Todos pareciam estáticos, exceto o jovem de branco, que caminhava. Firme, calmo, sem medo.

O jovem parecia caminhar entre a peleja como um homem caminharia por entre um campo de milho — como se não lhe tocasse ou afetasse de modo algum. Seria a mesma fivela que lhe apertava as vestes, semelhante à do viajante? Com a mesma insígnia? A mesma insígnia que tinha marcado a consciência e a vida do viajante há mais de trinta anos, tal como, há muito tempo, o seu dedo anelar também tinha sido marcado?

O viajante piscou os olhos, e quando abriu os olhos, a visão — se era isso que tinha sido — desaparecera, e o ruído, os odores, o perigo, tinham regressado, envolviam-no, encurralavam-no, fileira atrás de fileira de inimigos que sabia não poder derrotar, de quem sabia não poder escapar.

Mas de algum modo já não se sentia tão só.

Não tinha tempo para pensar. Agora atacavam em força, tão amedrontados quanto furiosos. Os golpes choviam, demasiados para rechaçar. O viajante lutou intensamente, abateu outros cinco, outros dez. Mas lutava contra uma hidra com mil cabeças. Um espadachim corpulento surgiu e abateu a sua espada de nove quilos sobre ele. Ergueu o braço esquerdo para a desviar com a proteção, virando-se e largando a sua própria espada larga, simultaneamente, de modo a trazer as suas lâminas ocultas de volta ao jogo. Mas o seu atacante teve sorte. O ímpeto do seu golpe foi defletido pela proteção mas, ainda assim, foi poderoso de mais para ser completamente desviado. Deslizou em direção ao pulso esquerdo do viajante e colidiu com a lâmina oculta canhota, quebrando-a. Ao mesmo tempo, o viajante, apanhado em contrapé, tropeçou numa rocha solta no chão e torceu o tornozelo. Não pôde evitar cair de cara no chão pedregoso. E lá permaneceu.

Um grupo de homens formou um círculo por cima dele, mantendo-o à distância das suas alabardas, ainda tensos, ainda amedrontados, não ousando ainda dar-se por vencedores. Mas as pontas das suas lanças tocaram-lhe nas costas. Um movimento e morreria.

E ainda não estava preparado para isso.

Botas a esmagar rocha. Um homem aproximava-se. O viajante virou ligeiramente a cabeça e viu o capitão de cabeça rapada sobre ele. A cicatriz lívida cruzava-lhe a cara. Inclinou-se o suficiente para que o viajante lhe cheirasse o hálito.

O capitão puxou o capuz do viajante para trás apenas o suficiente para lhe ver a cara. Sorriu quando as suas expectativas se confirmaram.

— Ah, chegou o Mentor. Ezio Auditore da Firenze. Temos estado à tua espera, como sem dúvida te apercebeste. Deve ser um choque e tanto veres a velha fortaleza da tua Irmandade nas nossas mãos. Mas mais tarde ou mais cedo tinha de acontecer. Apesar dos teus esforços, estávamos destinados a prevalecer.

Ereto, virou-se para as tropas que cercavam Ezio, cerca de duzentos homens, e vociferou uma ordem.

— Levem-no para a cela da torre. Coloquem-lhe algemas primeiro, e apertem-nas bem.

Puseram Ezio de pé e prenderam-no rápida e nervosamente.

— É só uma pequena caminhada e muitas escadas — disse o capitão.
— E é melhor que rezes. Vamos enforcar-te pela manhã.

Muito acima deles, a águia continuava a sua busca por uma presa. Ninguém prestou atenção. À sua beleza. À sua liberdade.

2

A águia ainda planava no céu. Um céu azul pálido, descolorado pelo Sol, embora o Sol estivesse um pouco mais baixo agora. A ave de rapina, uma silhueta escura, virando e revirando, mas agora com um propósito. A sua sombra caía sobre as rochas nuas muito abaixo, distorcida por elas enquanto as sobrevoava.

Ezio observava-a através da janela estreita — um mero rasgo na pedra compacta — e os seus olhos estavam tão inquietos quanto os movimentos da ave. Os seus pensamentos também eram inquietos. Teria viajado de tão longe e durante tanto tempo apenas para chegar a este fim?

Cerrou os punhos, e os seus músculos acusaram a ausência das lâminas ocultas, que durante tanto tempo lhe tinham valido.

Mas ele tinha uma ideia de onde lhe tinham guardado as armas, depois de o terem emboscado, subjugado e trazido para ali. Um sorriso sinistro formou-se-lhe nos lábios. Quão surpreendidas haviam ficado aquelas tropas, o velho inimigo, ao descobrir a luta que ainda dava o velho leão.

E ele conhecia este castelo. De esquemas e diagramas. Estudara-os tão bem que estavam impressos na sua mente.

Mas aqui estava ele, numa cela localizada numa das torres mais altas da grande fortaleza de Masyaf, a cidadela que outrora fora o baluarte dos Assassinos, há muito abandonada e agora nas mãos dos Templários. Aqui estava ele — sozinho, ileso, esfomeado e sedento, com as roupas encardidas e esfarrapadas, esperando ouvir a todo o momento as passadas dos seus carrascos. Mas não estava disposto a ir sem dar luta. Sabia por que razão os Templários estavam ali; tinha de os deter.

E ainda não o tinham matado.

Manteve os olhos na águia. Conseguia ver cada pena, cada músculo, os contornos da cauda, pintalgados de preto-acastanhado e branco, como a sua própria barba. As pontas das asas de um branco puro.

Evocou memórias. Voltou a percorrer o caminho que o trouxera aqui — que o trouxera a isto.

Outras torres, outras ameias. Como aquelas em Viana, de onde lançara César Bórgia para a morte. Tinha sido no ano 1507 do Nosso Senhor. Tinha sido há quanto tempo? Quatro anos. Podiam ter sido quatro séculos, parecia tão distante, agora. E entretanto outros vilões, outros aspirantes a mestres do mundo, tinham surgido e desaparecido, em busca do Mistério, em busca do Poder, e dele, por fim aprisionado, continuando a lutar para os deter.

A luta. Toda a sua vida.

A águia rodou e revirou-se, agora concentrada nos seus movimentos. Ezio observou-a, sabendo que tinha localizado uma presa e estava focalizada nela. Que vida poderia haver lá em baixo? Mas a aldeia que servia de base ao castelo, agora encolhida e infeliz na sua própria sombra, teria gado e até um resto de terra cultivada algures por perto. Talvez houvesse uma cabra entre os ajuntamentos de pedregulhos cinzentos que ocupavam as colinas baixas circundantes; ou uma jovem, demasiado inexperiente, ou uma velha, demasiado cansada, ou uma que estivesse ferida. A águia voou em frente ao Sol, a sua silhueta momentaneamente distorcida pela luz incandescente; e depois, apertando o cerco, ficou suspensa na arena azul, preparando-se finalmente antes de investir pelo céu abaixo, atravessando-o como um raio, e desaparecendo de vista.

Ezio afastou-se da janela e examinou a cela. Uma cama de madeira escura endurecida, só com tábuas, sem nada a servir de colchão, um banco e uma mesa. Nem um crucifixo na parede, nada mais a não ser uma tigela e uma colher que continham a mistela ainda intocada que lhe tinham servido. Isso, e um copo de madeira com água, também ela intocada. Apesar da sede e da fome, Ezio temia que houvesse drogas que o enfraquecessem, deixando-o impossibilitado quando chegasse o momento. E era completamente possível que os Templários tivessem colocado drogas na comida e na bebida que lhe deram.

Andava de um lado para o outro na cela estreita, mas as toscas paredes de pedra não lhe davam nem conforto, nem esperança. Não havia nada ali que pudesse usar para escapar. Suspirou. Havia outros Assassinos, outros na Irmandade que sabiam da sua missão, que queriam tê-lo acompanhado, apesar da insistência dele em viajar sozinho. Talvez, quando não tivessem notícias dele, continuassem o seu desafio. Contudo, também talvez fosse tarde de mais.

A questão era: quanto já saberiam os Templários? Que partes do segredo já teriam na sua posse?

...

A sua demanda, que agora tinha chegado a um fim tão abrupto no preciso momento da sua consecução, tinha começado logo após o seu regresso a Roma, onde se tinha despedido dos seus companheiros, Leonardo da Vinci e Nicolau Maquiavel, no seu dia de anos, no solstício de verão, quatro anos antes. Nicolau estava de regresso a Florença e Leonardo falara em aceitar uma oferta insistente de um muito necessário patronato por parte de Francisco, herdeiro legítimo do trono de França, e uma residência em Amboise, no Rio Loire. Pelo menos era o que revelava nas suas cartas para Ezio.

Ezio sorriu ao recordar-se do amigo. Leonardo, cuja mente estava sempre cheia de novas ideias, embora demorasse sempre um bom bocado até as pôr em prática. Ele pensou com pesar na sua lâmina oculta, que tinha sido estilhaçada quando o emboscaram. Leonardo — como tinha saudades dele! —, o único homem em quem podia confiar para a reparar. Mas ao menos Leonardo tinha-lhe enviado os planos que tinha feito com vista a um novo engenho, que chamava de paraquedas. Ezio tinha mandado construir um quando estava em Roma, que estava acondicionado na sua mochila, e duvidava que os Templários conseguissem descortinar o que era. Usá-lo-ia logo que tivesse oportunidade.

Se tivesse uma oportunidade.

Afastou os pensamentos sombrios.

Mas não havia nada a fazer, nenhuma maneira de fugir, até que viessem até ele para o enforcar. Teria de fazer planos para essa ocasião. Imaginou que, como sucedera tantas vezes no passado, teria de improvisar. Entretanto, ia tentar descansar o corpo. Tinha-se assegurado da sua boa forma física ao treinar antes da sua viagem, e a viagem em si tinha-o enrijecido. Mas estava satisfeito, mesmo nas presentes circunstâncias, por ter oportunidade para descansar depois daquela luta.

Tudo tinha começado com uma carta.

Sob o olhar benevolente do Papa Júlio II, que o ajudara a derrotar a família Bórgia, Ezio tinha reconstruído e reestruturado a Irmandade dos Assassinos em Roma, e estabelecido aí a base do seu poder.

Os Templários estavam inativos há algum tempo, e Ezio tinha deixado o comando das operações nas mãos capazes da sua irmã Cláudia; mas os Assassinos permaneciam vigilantes. Sabiam que os Templários iriam reagrupar-se secretamente noutra sítio qualquer, insaciáveis na sua demanda pelos instrumentos através dos quais poderiam finalmente controlar o mundo de acordo com os seus princípios sombrios.

De momento estavam subjugados, mas a besta não estava morta.

Ezio tirou disso conforto e satisfação, e partilhou o seu saber obscuro

somente com Maquiavel e Leonardo: que a Maçã do Éden que estava sob a sua custódia, e que causara tanta angústia e morte na luta pela sua posse, estava enterrada e escondida no fundo da cripta por baixo da igreja de San Nicola in Carcere, numa divisão secreta selada cuja localização tinham assinalado apenas com os símbolos sagrados da Irmandade e que apenas um futuro Assassino seria capaz de detetar, quanto mais decifrar. A maior Peça do Éden estava escondida em segurança da mão ambiciosa dos Templários, e Ezio esperava que continuasse assim para sempre.

Depois dos danos causados à Irmandade pelos Bórgia, tinham havido muitas coisas a recuperar, muito a ser posto em ordem, e Ezio devotou-se resignadamente a essa tarefa, embora a sua inclinação fosse mais para o ar livre e para a ação do que para se debruçar sobre papelada em arquivos poeirentos. Esse era um trabalho mais adequado para o secretário do seu falecido pai, Giulio, ou para o livresco Maquiavel; mas Maquiavel estava atualmente ocupado a comandar a milícia florentina, e Giulio tinha morrido há muito tempo.

Ainda assim, pensou Ezio, se não tivesse assumido a responsabilidade daquilo que para ele era uma tarefa monótona, nunca teria encontrado a carta. E se outro o tivesse feito, talvez não tivesse adivinhado a sua importância.

A carta, que tinha encontrado numa bolsa de couro, quebradiça com a idade, fora remetida pelo pai de Ezio, Giovanni, para o seu irmão, Mário, o homem que tinha ensinado a Ezio a arte da guerra e o tinha iniciado na Irmandade há três longas décadas. Mário. Ezio tentou reprimir as recordações. Mário tinha morrido às mãos cruéis e cobardes de César Bórgia no início da batalha de Monteriggione.

Há muito que Mário tinha sido vingado, mas a carta que Ezio encontrara abria um novo capítulo, e o seu conteúdo apresentava-lhe a oportunidade de uma nova missão. Era o ano de 1509 quando a tinha encontrado, e ele tinha acabado de fazer cinquenta anos; sabia que a oportunidade de novas missões raramente ocorria para homens da idade dele. Para além disso, a carta dava-lhe a esperança e o desafio de fechar para sempre a porta de oportunidade dos Templários.

*Palazzo Auditore,
Florença
iv de fevereiro MCDLVIII*

Caro Irmão,

Os poderes que se nos opõe estão a reunir forças e há um homem em Roma que assumiu o comando dos nossos inimigos e que

será, provavelmente, o mais poderoso que tu e eu alguma vez teremos de enfrentar. Por isso te comunico, sob o selo do maior sigilo, a seguinte informação. Se o destino me levar, assegura-te — com a tua vida, se necessário — que esta informação nunca cairá nas mãos dos nossos inimigos.

Como sabes, há um castelo na Síria denominado Masyaf, que foi em tempos a sede da nossa Irmandade. Aí, há mais de dois séculos, o nosso Mentor, Altaïr ibn-La'Ahad, figura maior da nossa Ordem, construiu uma biblioteca nas profundezas da fortaleza.

Por agora não digo mais nada. A discrição exige que o resto daquilo que tenho a dizer-te deva ser conversado pessoalmente e nunca registado em sítio algum.

Era uma demanda em que há muito eu próprio queria ter embarcado, mas agora não há tempo. Os nossos inimigos pressionam-nos e não temos tempo para nada a não ser ripostar.

*O teu Irmão
Giovanni Auditore*

Outra folha de papel acompanhava esta carta — um fragmento emocionante, claramente com a letra do seu pai mas também claramente da autoria de outra pessoa —, uma tradução de um documento muito mais antigo, escrito num pergaminho que correspondia às páginas do Códice original, descoberto por Ezio e pelos seus companheiros há cerca de trinta anos, onde estava escrito:

Passei muitos dias com o artefacto. Ou terão sido semanas? Meses? Os outros vêm de tempos a tempos, trazendo comida e distração; e embora eu saiba no fundo do meu coração que me devia separar destes estudos obscuros, torna-se cada vez mais difícil assumir os meus deveres normais. Malik tem-me apoiado, mas mesmo agora aquele velho tom regressa à sua voz. Todavia, o meu trabalho tem de continuar. A Maçã do Éden deve ser compreendida. A sua função é simples. Elementar, até: Domínio. Controlo. Mas o processo... os métodos e meios que emprega... são verdadeiramente fascinantes. É a tentação encarnada. Aos que são expostos ao seu brilho, é-lhes prometido tudo o que desejam. Apenas pede uma coisa em troca: obediência completa e total. E quem pode, em boa verdade, recusá-la? Lembro-me do meu próprio momento de fraqueza quando fui confrontado por Al Mualim, o meu Mentor, e

a minha confiança foi abalada pelas suas palavras. Ele, que tinha sido como um pai para mim, revelava-se no meu maior inimigo. Bastara uma mera centelha de dúvida para se infiltrar na minha mente. Mas venci os meus fantasmas, restaurei a minha autoconfiança e mandei-o para o outro mundo. Libertei-me do seu controlo. Mas agora interrogo-me se isso será mesmo verdade. Porque estou aqui sentado, desesperado por entender aquilo que pretendo destruir. Sinto que é mais do que uma arma, uma ferramenta para manipular as mentes dos homens. Ou será que não? Talvez esteja simplesmente a executar a sua função: mostrar-me aquilo que mais desejo. Sabedoria... sempre à beira de a alcançar. Sempre fora de alcance. Aliciante. Prometedora. Tentadora...

O velho manuscrito estava rasgado aí, o resto tinha-se perdido e o pergaminho estava tão deteriorado pela idade que as suas margens se desfaziam quando lhes tocava.

Ezio pouco compreendia daquilo, mas havia algo tão familiar que a sua pele formigava, até o seu escalpe, só com a lembrança. Passava-se o mesmo agora que Ezio lembrava, sentado na sua cela na torre da prisão de Masyaf, vendo o Sol a pôr-se naquele que poderia ser o seu último dia na terra.

Visualizou o velho manuscrito. Tinha sido ele, mais do que qualquer outra coisa, que determinara que viajasse para leste, para Masyaf.

A escuridão caiu rapidamente. O céu estava azul-cobalto. As estrelas já o pontilhavam.

Por nenhuma razão aparente, os pensamentos de Ezio viajaram até ao jovem de branco. O homem que parecia ter visto no intervalo do combate. Que tinha aparecido e desaparecido tão misteriosamente, como uma visão, mas que tinha sido, de algum modo, real, e que tinha, de algum modo, falado com ele.

3

Os preparativos para a sua viagem demoraram a Ezio o resto daquele ano e entraram no ano seguinte. Dirigiu-se para norte até Florença e conferenciou com Maquiavel, embora não lhe tivesse revelado tudo o que sabia. Visitou Bartolomeo d'Alviano em Óstia, que o encheu de grandes quantidades de boa comida e vinho, mas que se mantinha feroz como sempre, embora agora fosse um homem de família. Ele e Pantasilea tinham gerado três filhos e, há um mês, uma filha. E o que disse ele?

— É tempo de andares para a frente, Ezio! Nenhum de nós está a ficar mais novo.

Ezio sorria perante aquilo. Barto era mais sortudo do que imaginava.

Ezio lamentou não ter tempo para continuar a sua viagem mais para norte até Milão, mas tinha as suas armas em ordem — as lâminas, a pistola, a proteção — e também não tinha tempo para aliciar Leonardo para encontrar ainda mais maneiras de as melhorar. De facto, como o próprio Leonardo tinha dito, depois da última vez que as inspecionara há um ano, era impossível melhorá-las ainda mais.

Isso ver-se-ia, quando fossem novamente testadas.

Maquiavel transmitira-lhe outras notícias em Florença, uma cidade que ele ainda pisava com uma sensação de tristeza, devido às memórias tão dolorosas da perda da sua família e da sua herança depredada. E também o seu amor perdido, talvez o único verdadeiro amor da sua vida: Cristina Calfucci. Doze anos... será que tinha mesmo passado tanto tempo desde que ela morrera às mãos dos fanáticos de Savonarola? E agora outra morte. Maquiavel contara-lhe, hesitante. A infiel Catarina Sforza, que tinha manchado a vida de Ezio tanto quanto Cristina abençoado, tinha morrido recentemente, uma mulher gasta de quarenta e seis anos, pobre e esquecida, com a vitalidade e confiança de outrora extintas.

Enquanto avançava pela vida, Ezio começou a pensar que a melhor companhia que verdadeiramente teria seria a sua.

Mas não tinha tempo para fazer luto ou cismar. Os meses voavam, e logo chegou o Natal, e ainda havia muito a fazer.

Por fim, no início do novo ano, pela altura do banquete de Santo Hilário, estava preparado, e foi marcado um dia para a sua partida de Roma, via Nápoles, para o porto sul de Bari, com uma escolta organizada por Bartolomeo, que cavalgou a seu lado.

Embarcaria em Bari.

4

— Vai com Deus, irmão — disse-lhe Cláudia na sua última manhã em Roma. Levantaram-se antes da aurora. Ezio iria partir com o primeiro raio solar.

— Tens de tomar conta das coisas na minha ausência.

— Duvidas das minhas capacidades?

— Agora já não. Ainda não me perdoaste por isso?

Cláudia sorriu.

— Há um grande animal em África chamado elefante. Dizem que tem memória eterna. O mesmo sucede com as mulheres. Mas não te preocupes, Ezio. Vou tomar conta das coisas até ao teu regresso.

— Ou até precisarmos de um novo Mentor.

Cláudia não respondeu. A sua expressão mostrava preocupação.

— Esta missão. Porque vais sozinho? Porque falas tão pouco da sua significância?

— “Viaja mais depressa quem viaja sozinho” — citou Ezio, em jeito de resposta. — Quanto a detalhes, deixei os documentos do nosso pai ao teu cuidado. Abre-os se eu não regressar. E já te disse tudo o que precisas de saber acerca de Masyaf.

— Giovanni também era meu pai.

— Mas foi a mim que confiou esta responsabilidade.

— Tu é que a assumiste, mano.

— Sou o Mentor — disse ele simplesmente. — É a minha responsabilidade.

Ela olhou para ele.

— Bem, que tenhas uma viagem segura. Vai escrevendo.

— Escreverei. De qualquer modo, não precisas de te preocupar com a jornada até Bari. O Barto vai acompanhar-me.

Ainda assim, ela mostrava-se preocupada. Ezio estava tocado por a sua irmã se ter tornado numa mulher rija mas ainda ter um lugar no seu

coração destinado a ele. A sua jornada por terra levá-lo-ia através dos territórios do Sul de Itália, que eram controlados pela coroa de Aragão. Mas o Rei Fernando não se tinha esquecido da sua dívida para com Ezio.

— Se estou à procura de ação — disse-lhe ele, lendo-lhe os pensamentos, — não vou obtê-la até zarpar. E o meu caminho leva-me muito para norte, de modo a que não tenha de me preocupar com corsários berberes. Vamos cingir-nos à costa grega depois de passarmos por Corfu.

— Estou mais preocupada na tarefa a que te propões. Não estou preocupada contigo pessoalmente. . .

— Ah é? Muito obrigado.

Ela sorriu ironicamente.

— Sabes o que quero dizer. Pelo que me disseste, e que Santa Verónica seja testemunha de que me disseste muito pouco, o sucesso da tua missão é importante para nós.

— É por isso que parto imediatamente. Antes de os Templários recuperarem as forças.

— Vais tomar a iniciativa?

— Basicamente é isso.

Ela tomou-lhe a face nas mãos. Ele olhou para ela uma última vez. Aos quarenta e nove anos de idade, ainda era uma mulher extremamente bela, com o seu cabelo ainda escuro e a sua natureza ferosa insaciada. Às vezes lamentava que ela não tivesse encontrado outro homem depois da morte do marido, mas ela era devota aos seus filhos e ao seu trabalho, e não escondia o facto de que adorava morar em Roma que, sob o papado de Júlio, tinha-se mais uma vez tornado numa cidade internacional sofisticada, e numa meca artística e religiosa.

Abraçaram-se, e Ezio montou o seu cavalo, liderando o pequeno contingente que o acompanhava: quinze cavaleiros armados sob o comando de Barto, já montado no seu pesado cavalo que dava patadas no solo, impaciente por partir, e uma carroça para transportar os mantimentos. Quanto a si próprio, tudo o que Ezio precisava eram dois alforjes de couro.

— Vou pilhando durante a viagem — disse a Cláudia.

— Tu és bom nisso — respondeu ela, com um sorriso de esguelha.

Erguendo a mão enquanto se sentava na sela, Ezio virou o cavalo e, enquanto Barto punha o seu cavalo ao lado do dele, dirigiram-se ao lado este do rio, saindo do quartel-general dos Assassinos na Ilha Tiberina a caminho dos portões da cidade e à longa estrada em direção ao sul.

Demoraram quinze dias a chegar a Bari e, uma vez chegados, Ezio despediu-se apressadamente do seu velho amigo, de modo a não perder a

primeira maré cheia disponível. Apanhou uma embarcação pertencente à marinha mercante turca orientada por Piri Reis e pela sua família. Uma vez instalado na cabine de ré do grande *dhow* com velas latinas, o *Anaan* — um cargueiro em que era o único passageiro —, Ezio teve oportunidade de afeirir, mais uma vez, o equipamento essencial que transportava. Duas lâminas ocultas, uma para cada pulso, a sua proteção para o antebraço esquerdo, para defletir os golpes de espada, e a pistola de mola que Leonardo fabricara para ele, juntamente com as suas outras armas especiais, de esboços antigos encontrados nas páginas do Códice dos Assassinos.

Ezio viajava com pouca carga. Na verdade, esperava encontrar Masyaf deserta, se conseguisse lá chegar. Ao mesmo tempo, admitia que se sentia intranquilo relativamente à escassez de informação sobre as movimentações dos Templários nos dias aparentemente ou relativamente pacíficos de hoje.

Quanto à segunda parte da sua viagem, que o levaria a Corfu, sabia que tinha pouco a temer. Piri Reis era considerado um grande comandante entre os Otomanos, e tinha sido ele próprio um pirata no passado, por isso os seus homens saberiam como lidar com eles, se a fama de Piri não fosse suficiente para os manter à distância. Ezio interrogou-se se alguma vez viria a conhecer o grande homem em pessoa. Se fosse esse o caso, esperava que Piri, que não era conhecido pela sua natureza afável, já tivesse esquecido o tempo em que a Irmandade tinha sido forçada a “aliviá-lo” de alguns dos seus preciosos mapas.

Os próprios Otomanos dominavam atualmente a Grécia e muito da Europa de Leste — na verdade, os seus territórios faziam fronteira com os de Veneza, a oeste. Nem todos estavam satisfeitos com esta situação ou com a presença de tantos turcos na Europa; mas Veneza, depois de um impasse, continuou a fazer comércio com os seus vizinhos muçulmanos e *La Sere-nissima* manteve o domínio sobre Corfu, Creta e Chipre. Ezio não via esta situação como duradoura — os Otomanos já tinham feito avanços pouco amistosos sobre Chipre — mas a paz vigorava de momento, e o sultão Bayezid estava demasiado preocupado com querelas familiares internas para causar problemas no Oeste.

O barco de quilha larga com a sua grande vela de lona branca cortava a água mais como uma espada do que como uma faca, mas fizeram um bom tempo apesar de ventos frontais adversos, e a curta viagem através da foz do Adriático demorou pouco mais de cinco dias.

Depois das boas-vindas dadas pelo governador de Corfu, um italiano gordo chamado Franco, que gostava que lhe chamassem Spiridon, em honra do santo patrono local, tinha obviamente abandonado há muito a política relativa ao consumo da semente de lótus. Ezio conversou com o

comandante do barco numa varanda frontal da casa de campo do governador, enquanto olhava para as palmeiras junto ao porto, que se aninhavam debaixo de um céu azul aveludado. Em troca de outra bolsa de soldos venezianos, chegaram a acordo para que Ezio continuasse a ser transportado até Atenas.

— É esse o nosso destino — disse-lhe o comandante. — Navegaremos junto à costa; já fiz esta viagem vinte vezes, não haverá problemas, não haverá qualquer perigo. E daí será fácil apanhar um transporte com destino a Creta ou até mesmo Chipre. Na verdade, vou apresentá-lo ao meu cunhado Ma'un quando chegarmos a Atenas. Ele é agente portuário. Vai cuidar de si.

— Estou-lhe grato — disse Ezio. Esperava que a confiança do homem fosse justificada. O *Anaan* transportava uma carga importante de especiarias para Atenas e Ezio lembrava-se suficientemente bem da sua juventude, quando o seu pai era um dos maiores banqueiros de Florença, para saber que esta carga fazia do *Anaan* um alvo tentador para qualquer pirata, não importando o grande temor que o nome de Piri Reis lhes inspirasse. Se alguém luta num barco, deve poder mover-se com ligeireza e com leveza.

Na cidade, na manhã seguinte, foi até um armeiro e comprou uma cimitarra bem temperada, tendo baixado o seu preço até aos cem soldos.

— É só para jogar pelo seguro — disse a si mesmo.

Pela madrugada do dia seguinte, a maré estava suficientemente alta para começarem a sua viagem, pelo que tiraram vantagem dela e de uma animada nortada, que imediatamente lhes tomou a vela. Navegaram para sul, mantendo a costa a cerca de uma milha a bombordo. O sol refletia-se nas ondas azul-aço e o vento cálido acariciava-lhes o cabelo. Ezio era o único que não conseguia relaxar.

Chegaram a um ponto a sul da ilha de Zante quando aconteceu. Tinham entrado mar adentro para aproveitarem o vento, e a água tinha escurecido e estava mais agitada. O Sol estava a mergulhar no horizonte a oeste, pelo que não se podia olhar nessa direção sem pestanejar. Os marinheiros estavam a atirar um barrote pela borda a estibordo para ganhar velocidade, e Ezio observava-os.

Olhando para trás, não sabia dizer o que lhe tinha chamado a atenção. Talvez um pássaro marinho mergulhando pela borda do barco lhe tenha atraído o olhar. Mas não era um pássaro. Era uma vela. Duas velas. Duas galés próprias para navegar os mares surgiam da direção do Sol, apanhando-os de surpresa com a aproximação. Os corsários estavam prestes a rodeá-los por ambos os lados quando o comandante chamou a tripulação às

armas e aos respectivos postos de combate. Os piratas atiraram cabos com ganchos de ferro sobre a borda do *Anaan* e rapidamente subiram a bordo, enquanto Ezio corria para a popa para se armar. Felizmente, já tinha consigo a cimitarra, e pôde aplicar-lhe o primeiro teste, cortando através de cinco marujos berberes enquanto lutava para alcançar o seu objetivo.

Arfava enquanto colocava rapidamente a proteção e pegava na pistola. Por esta altura já tinha confiança suficiente na cimitarra para dispensar as lâminas ocultas, que arrumou apressadamente num esconderijo na cabine. Julgava que a proteção e a pistola eram as melhores armas para este combate.

Saltou para o meio da refrega, rodeado pelo barulho familiar do choque de espadas e do cheiro a sangue. Um fogo tinha começado a arder na proa, e o vento, que tinha escolhido precisamente aquele momento para mudar o seu curso, ameaçava agora arrastá-lo até à popa, atravessando toda a extensão do navio. Ordenou a dois marinheiros otomanos para que agarrassem em baldes e se dirigissem ao reservatório de água do barco. Nesse momento, um pirata atirou-se de um cordame para os ombros de Ezio. Um dos marinheiros gritou em aviso. Ezio virou-se, fletiu os músculos do punho direito, e a sua pistola saltou do mecanismo atado ao seu antebraço para a sua mão. Agilmente, sem tempo para fazer pontaria, disparou, dando imediatamente um passo atrás para permitir que o corpo em queda se despenhasse no convés.

— Encham rapidamente, e apaguem as chamas antes que se espalhem — gritou. — O barco estará perdido se o fogo alastrar.

Despachou três ou quatro berberes que o tinham enfrentado, sentindo que ele era o homem que deveriam neutralizar se queriam que o ataque fosse bem-sucedido. Depois deu por si a enfrentar o comandante dos corsários, um brutamontes corpulento com um cutelo inglês em cada mão — saqueado, sem dúvida, de uma vítima desventurada.

— Rende-te, cão veneziano! — rosnou o homem.

— Esse foi o teu primeiro erro — retorquiu Ezio. — Nunca insultes um florentino ao confundi-lo com um veneziano.

A resposta do comandante surgiu em forma de um selvático golpe de esquerda de cima para baixo na direção da cabeça de Ezio, mas Ezio estava preparado para ele e levantou o seu braço esquerdo, deixando que a lâmina do cutelo resvalasse inofensivamente pela proteção abaixo para cortar o ar. O comandante não estava à espera disso e perdeu o equilíbrio. Ezio pregou-lhe uma rasteira que o fez ir de cabeça para dentro do reservatório no patamar inferior.

— Ajuda-me, *effendi!* Não sei nadar! — balbuciou o comandante ao vir à superfície.

— Então é melhor que aprendas — disse-lhe Ezio, virando-se para abater mais dois piratas que estavam quase em cima dele. Conseguiu ver pelo canto do olho que os seus dois marinheiros tinham sido bem-sucedidos em baixar os seus baldes em cordas até ao reservatório e que agora, juntamente com mais uma mão-cheia de camaradas, com o mesmo equipamento, começavam a controlar o incêndio.

Mas o calor da batalha tinha-se deslocado para a ré do barco, e os otomanos estavam na mó de baixo. Ezio apercebeu-se que os berberes não desejavam que o *Anaan* ardesse, pois assim perderiam o seu prémio; por isso deixavam os marinheiros de Ezio continuar com o trabalho de extinguir o fogo enquanto se concentravam em tomar o navio.

A sua mente raciocinava aceleradamente. Estavam em grande desvantagem numérica e sabia que a tripulação do *Anaan*, apesar de serem homens endurecidos, não eram lutadores treinados. Dirigiu-se a um molho de tochas por acender arrumadas por debaixo de uma escotilha na proa. Saltando por cima dela, e agarrando numa das tochas, expô-la ao fogo, e depois de a retirar, arremessou-a com toda a sua força para o mais distante dos dois barcos berberes que jaziam lado a lado. Depois pegou noutra e repetiu a ação. Quando os berberes a bordo do *Anaan* se aperceberam do que estava a acontecer, cada um dos seus barcos estava incendiado.

Tinha sido um risco calculado, mas resultou. Em vez de lutarem pelo controlo da sua presa, e apercebendo-se de que o seu comandante tinha desaparecido, os piratas entraram em pânico e bateram em retirada pela borda do navio, enquanto os otomanos, ganhando coragem, renovaram os seus próprios esforços e lançaram um contra-ataque, atacando com paus, espadas, machetes, estacas para atar os cordames e tudo mais que estivesse à mão.

Mais quinze minutos e os berberes tinham sido empurrados para os seus próprios navios e zarpado, cortando as amarras com machados e usando varas para empurrar as galés flamejantes para longe. O comandante otomano rosnou uma sucessão de ordens rápidas, e o *Anaan* ficou novamente livre. Logo que a ordem tinha sido restabelecida, a tripulação começou a esfregar o chão ensanguentado e a empilhar os corpos dos mortos. Ezio sabia que atirar um cadáver pela borda fora ia contra a religião deles. Só esperava que o resto da viagem não demorasse muito.

O comandante berbere encharcado foi retirado do reservatório. Foi colocado no convés, abjeto e a pingar.

— É melhor desinfetar a água — disse Ezio ao comandante do *Anaan*, enquanto o chefe dos piratas era levado a ferros.

— Temos água suficiente para as nossas necessidades em barris; dá

para chegarmos a Atenas — replicou o comandante. Depois retirou uma pequena bolsa de cabedal de um bolso lateral. — Isto é para si — disse ele.

— O que é?

— Estou a devolver-lhe o dinheiro da viagem — disse o comandante. — É o mínimo que posso fazer. E quando chegarmos a Atenas, vou espalhar a notícia do seu feito. Quanto à jornada que temos pela frente, fique descansado que tudo será preparado para si.

— Não devíamos ter relaxado — disse Ezio.

O comandante olhou para ele.

— Tem razão. Talvez uma pessoa nunca devesse relaxar.

— Tem razão — respondeu Ezio, com tristeza.

5

Atenas prosperou sob o domínio turco, embora enquanto caminhava pelas ruas e visitava os monumentos e os templos da idade de ouro da civilização grega, que era agora redescoberta e reverenciada no seu próprio país, e via com os próprios olhos as estátuas e os edifícios que inspiravam os seus amigos Miguel Ângelo e Bramante em Roma, Ezio reparasse no orgulho ressentido que ardia notoriamente nos olhos de vários homens e mulheres da população local. Mas ele era convidado de Ma'Mun, o cunhado do comandante otomano e da sua família, que o banharam de presentes e insistiram para que ficasse.

De qualquer modo a sua estadia prolongou-se por mais tempo do que desejava, visto que tinham surgido temporais fora de estação no Mar Egeu a norte de Serifos que se abateram sobre o arquipélago de ilhas a sul de Atenas e forçaram o encerramento do porto de Pireu por um mês ou mais. Nunca se tinha visto tempestades como aquelas nessa altura do ano. Os profetas de rua falavam inevitavelmente do fim do mundo, um tópico muito discutido pela altura do meio do milénio em 1500. Entretanto, Ezio, que não dava importância a tais coisas e se arreliaava com o atraso, debruçou-se sobre os mapas e as anotações que trouxera consigo, e tentou em vão congregar informações sobre as movimentações dos Templários na zona e na região a sul e a este da Grécia.

Numa das celebrações em sua honra, conheceu uma princesa da Dalmácia e teve um caso com ela, mas não foi nada mais do que isso, um caso, e o seu coração permaneceu tão isolado como tinha estado durante tanto tempo. Disse a si próprio que tinha desistido de procurar o amor. Um lar, um verdadeiro lar, e uma família não tinham lugar na vida de um Mentor dos Assassinos. Ezio tinha lido algo, que não percebera totalmente, acerca da vida do seu remoto antecessor da Irmandade, Altaïr ibn-La'Ahad. Pagou um preço muito alto por ter uma família. E mesmo tendo conseguido, o próprio pai de Ezio tinha acabado por pagar um preço cruel.

Mas finalmente — e não suficientemente depressa para o impaciente Ezio — os ventos e os mares acalmaram e foram substituídos por um tempo ameno primaveril. Ma'Mun tinha feito todos os preparativos para a sua viagem até Creta, e o mesmo barco levá-lo-ia ainda mais além, até Chipre. Esta embarcação era um vaso de guerra, um *kogge* de quatro mastros, o *Qutaybah*, com um dos pisos inferiores armados com uma linha de dez canhões de cada lado e mais armas nas aberturas no casco, na proa e na popa. Adicionalmente às velas latinas, tinha velas quadradas, ao estilo europeu, no mastro principal e no terceiro mastro; e havia um convés para remadores por debaixo do canhão, com trinta remos de cada lado.

Agrilhado a um deles estava o comandante berbere que Ezio tinha defrontado no *Anaan*.

— Não terás de te defender neste barco, *effendi* — disse Ma'Mun a Ezio.

— É admirável. Tem algo das linhas do estilo europeu.

— O nosso sultão Bayezid admira muitas coisas graciosas e úteis da vossa cultura — replicou Ma'Mun. — Podemos aprender muito uns com os outros, se tentarmos.

Ezio acenou em concordância.

— O *Qutaybah* transporta o nosso adido em Atenas para uma conferência em Nicósia, e aportará em Larnaca dentro de vinte dias. O comandante só parará em Heraklion para se abastecer de água e mantimentos. — Fez uma pausa. — E eu tenho algo para ti...

Estavam sentados a beber limonada no escritório de Ma'Mun no porto. O turco virou-se para um enorme cofre de ferro que estava encostado à parede do fundo e tirou de lá um mapa.

— Este é precioso, como todos os mapas o são, mas é um presente especial de mim para ti. É um mapa do Chipre elaborado pelo próprio Piri Reis. Vais ter tempo para o estudar. — Estendeu as mãos quando Ezio começou a levantar objeções do modo mais educado que conseguia. Quanto mais se viajava para este, menos urgente parecia ser a questão do tempo. — Eu sei! Estou ciente da tua impaciência em chegar à Síria, mas o *kogge* só te levará até um certo ponto, e devemos providenciar o teu transporte a partir de Larnaca. Nada receies. Salvaste o *Anaan*. Nós mostraremos a gratidão adequada por esse ato. Ninguém chegará ao teu destino mais rapidamente do que nós.

Ezio desenrolou o mapa e examinou-o. Era um trabalho competente e detalhado. Pensou que se tinha mesmo de ser obrigado a passar algum tempo naquela ilha, sabia pelas pistas que tinha detetado no arquivo do pai que o Chipre não era desprovido de interesse para os Assassinos na história

da sua luta eterna contra os Templários, e poderia ser aí que encontraria pistas que o ajudassem.

Faria bom uso do tempo passado no Chipre, mas esperava não ter de permanecer lá muito tempo, já que era efetivamente controlado pelos Templários, mesmo que as aparências dissessem o contrário.

Mas seria uma jornada mais longa do que alguém pudesse ter antecipado. Mal tinham saído de Creta depois de uma breve paragem em Heraklion — não mais de três dias — e os ventos começaram novamente a soprar forte. Desta vez vindos do sul, ferozes e ainda cálidos da sua longa viagem desde o Norte de África. O *Qutaybah* combateu-os com bravura, mas foi gradualmente empurrado para trás em direção a norte pelo Egeu acima, batendo em retirada através do emaranhado de ilhas do Dodecaneso. Demorou uma semana até que as tempestades amainassem, mas não sem antes tomarem as vidas de cinco marinheiros e de inúmeros prisioneiros de galé, que se afogaram agarrados aos remos. O barco aportou finalmente em Chios para uma reparação. Ezio secou o seu equipamento e tirou a ferrugem dos seus instrumentos. O metal das suas armas especiais nunca tinha exibido o mínimo sinal de oxidação durante todos os anos em que as possuía. Uma das muitas propriedades misteriosas que tinham, como Leonardo lhe tentara explicar em vão.

Perdeu três preciosos meses antes de o *Qutaybah* cambaleiar pelo porto de Larnaca adentro. O adido, que tinha perdido nove quilos durante a viagem por causa do enjoo e dos vômitos, e que tinha perdido a sua conferência, fez planos imediatos para regressar a Atenas pelo caminho mais direto por terra.

Ezio não perdeu tempo em procurar o agente de Larnaca, Bekir, cujo nome lhe tinha sido dado por Ma'Mun. Bekir recebeu-o de um modo agradável e até deferencial. Ezio Auditore da Firenze. O famoso resgatador de barcos! Já era o tema de conversa em Larnaca. O nome do *effendi* Auditore estava em todas as bocas. Ah, a questão da passagem para Tortosa. O porto terrestre mais próximo de Masyaf na Síria. *Sim, claro que sim. Os preparativos começarão imediatamente, hoje mesmo! Se o effendi fizer a gentileza de ser paciente enquanto a engrenagem é colocada em movimento... As melhores acomodações possíveis ser-lhe-ão disponibilizadas...*

Os aposentos reservados para Ezio eram verdadeiramente esplêndidos; um apartamento elegante numa mansão construída numa baixa colina altaneira à cidade, com vista para ela e para o mar cristalino que se estendia além dela. Mas depois de demasiado tempo à espera, a sua paciência começou a esgotar-se.

— São os Venezianos — explicou o agente. — Toleram a presença otomana, mas apenas no que respeita à civilidade. As autoridades militares

são, infelizmente, desconfiadas em relação a nós. Sinto que — o homem baixou a voz — se não fosse a reputação do nosso sultão Bayezid, cuja autoridade é extensa e é extremamente poderoso, talvez nem fôssemos tolerados de todo. — A sua expressão iluminou-se. — Talvez possas ser útil à tua própria causa, *effendi*.

— De que modo?

— Pensei que sendo vós próprio veneziano...

Ezio mordeu o lábio.

Mas não era o tipo de homem que cultivava a inércia. Enquanto esperava, estudou o mapa de Piri Reis e algo lhe chamou a atenção, algo que se lembrava vagamente de ter lido, e que o fez alugar um cavalo e cavalgar pela costa de Limassol abaixo.

Uma vez lá chegado, deu por si a vaguear pela torre e pela paliçada do castelo deserto de Guy de Lusignan, construído durante as Cruzadas mas agora negligenciado, como uma ferramenta que em tempos fora útil e que o seu dono se esquecera de deitar fora. Enquanto caminhava pelos seus corredores vazios e cheios de correntes de ar e contemplava as flores daninhas que cresciam nos pátios e as buddlejas que cresciam nas suas ameias, memórias — pelo menos julgava serem memórias — impeliram-no a explorar mais exaustivamente, a investigar as entranhas do forte e as criptas subterrâneas.

Aí, envolto numa penumbra crepuscular, encontrou os resquícios desolados e vazios daquilo que outrora tinha sido indubitavelmente um arquivo extenso. As suas passadas solitárias ecoavam no labirinto obscuro de prateleiras vazias e apodrecidas. Os seus únicos ocupantes atuais eram ratzanas assustadiças, cujos olhos o fulminavam com desconfiança, olhando-o de revés, com malícia. E não lhe podiam revelar nada. Fez uma busca tão exaustiva quanto possível, mas não encontrou uma pista sequer daquilo que estaria ali guardado.

Desanimado, regressou à luz do dia. A presença de uma biblioteca naquele lugar fê-lo lembrar-se da biblioteca que procurava. Algo o impelia, embora não conseguisse especificar o quê. Teimosamente, permaneceu dois dias no castelo. Os aldeões olhavam com curiosidade para o estranho sombrio e grisalho que vagueava pelas ruínas.

Depois Ezio lembrou-se. Três séculos antes, o Chipre era propriedade dos Templários.

6

As autoridades venezianas — ou alguém por detrás delas — estavam a bloquear-lhe a passagem. Isso tornou-se óbvio quando as confrontou. Os Florentinos e os Venezianos podem ter sido rivais, podem ter olhado de cima para baixo uns para os outros, mas partilhavam o mesmo país e a mesma linguagem.

Esse facto não serviu de todo para quebrar o gelo com o governador local. Domenico Garofoli era como um lápis: alto, magro e acinzentado. As suas vestes negras, requintadamente manufaturadas com o mais dispendioso tecido adamascado, pendiam-lhe contudo como trapos num espantalho. Os pesados anéis de ouro, encastrados de rubis e de pérolas, tiniam folgadamente nos seus dedos esqueléticos. Os seus lábios eram tão finos que mal se podia dizer que existiam de todo, e quando a boca estava fechada, não se conseguia discernir a sua posição na cara.

Obviamente, foi infalivelmente cordial — as ações de Ezio tinham feito muito para abalar as relações entre os Otomanos e os Venezianos na região — mas mostrava claramente relutância em fazer o que quer que fosse. A situação na Costa Leste, para além das cidades costeiras situadas na orla do Mediterrâneo como se fossem os dedos de um homem pendendo de um precipício, estava cheia de perigos. A presença otomana na Síria era poderosa e temia-se que as suas ambições se estendessem para oeste. Qualquer missão que não fosse sancionada oficialmente poderia desencadear um incidente internacional de grandes proporções. Essa era, pelo menos, a desculpa apresentada por Garofoli.

Ezio não iria encontrar aliados entre os seus compatriotas.

Ezio ouviu e ouviu, educadamente sentado com as mãos nos joelhos enquanto o governador prosseguia num tom seco. E decidiu resolver ele próprio a situação.

Fez a sua primeira missão de reconhecimento das docas naquela própria noite. Havia barcos a rodos atracados, *dhow*s da Arábia e do Norte de

África que embatiam nas balsas venezianas e nos *roccafortes*, galeões e caravelas. Um filibote holandês parecia promissor, e havia homens a trabalhar a bordo, carregando fardos de seda sob a vigilância de guardas armados. Mas logo que viu a sua carga, Ezio soube que o filibote voltaria a casa e não para leste, para onde necessitava de ir.

Vagueou mais um pouco, mantendo-se nas sombras, uma forma obscura ainda tão ágil e fluida como um gato. Mas a sua busca não lhe revelou nada.

Passou vários dias e noites em reconhecimento. Levava sempre o equipamento essencial consigo, no caso de ter sorte e poder partir na hora. Mas cada incursão terminava com igual resultado. A notoriedade de Ezio demarcara-o, pelo que tinha de se esforçar para manter a sua identidade secreta. Mesmo quando o conseguia, descobria que nenhum comandante se dirigia exatamente para onde desejava, ou que estavam, por alguma razão, relutantes em transportá-lo, independentemente do suborno que lhes oferecesse. Ponderou regressar a Bekir, mas resistiu à tentação. Bekir já sabia demasiado acerca das suas intenções.

Na quinta noite estava de regresso às docas. Havia menos embarcações, e sem contar com os vigias noturnos e as respetivas tripulações, que passavam de vez em quando, com as lanternas balançando em longas varas e com as espadas e cassetetes sempre em punho, não se via mais ninguém por perto. Ezio dirigiu-se aos molhes mais distantes, onde estavam atracadas as embarcações mais pequenas. A distância até ao continente não era assim tão grande. Talvez se conseguisse... “adquirir” um barco próprio, pudesse conseguir velejar as aproximadamente duzentas e vinte milhas náuticas por si só.

Pisou cautelosamente o pontão de madeira, com as suas tábuas pretas brilhando com água do mar, e passou por cinco pequenos *dhow*s de vela única que estavam lado a lado e que, pelo cheiro, deveriam ser barcos de pesca, mas robustos, pelo que Ezio podia ver que dois deles tinham o equipamento a bordo.

Então os cabelos na nuca arrepiaram-se. Era tarde de mais. Antes de Ezio ter tempo de se virar para trás, foi atingido na cara com todo o peso do homem que se lançara a ele. Ezio sentia que era um homem grande. Muito grande. Mantinha Ezio colado ao chão apenas com a sua massa corporal; era como lutar envolto num enorme edredão musculado. Ezio soltou a mão direita para poder acionar a lâmina oculta, mas o pulso foi imediatamente preso por um aperto férreo. Notou pelo canto do olho que a mão que lhe agarrava o pulso estava envolta numa algema da qual pendiam duas correntes partidas.

Reunindo as suas forças, Ezio revirou-se violenta e subitamente para

a sua esquerda, acotovelando com força uma parte do edredão que esperava que fosse sensível. Teve sorte. O homem que o prendia grunhiu de dor e afrouxou ligeiramente a pressão. Era o suficiente. Aproveitando a embalagem, Ezio empurrou com o ombro e conseguiu fazer o corpo rolar de cima de si. Rápido como um relâmpago, apoiou-se num joelho e colocou a mão esquerda no pescoço do homem, com a direita preparada para desferir um golpe.

O momento triunfal de Ezio foi de curta duração. O homem afastou a sua mão direita e a sua mão esquerda, igualmente adornada com um par de correntes, atingindo dolorosamente o pulso de Ezio apesar da proteção fornecida pelos suportes da lâmina oculta. Ezio deu por si agora com o pulso esquerdo cingido por um aperto vicioso, que obrigou lenta mas inexoravelmente Ezio a enfraquecer a pressão sobre a garganta do homem.

Rebolaram um sobre o outro, cada um deles tentando subjugar o outro, aplicando golpes sempre que podiam e, embora o seu atacante fosse corpulento, também era rápido, pelo que a lâmina de Ezio nunca atingiu o alvo. Finalmente separaram-se e levantaram-se, grunhindo, ofegantes, corcovados, de frente um para o outro. O homem estava desarmado, mas as algemas de ferro podiam causar muitos danos se fossem usadas como arma.

Então, perto deles, surgiu a luz de uma lanterna e um berro.

— Vigilantes! — disse o homem. — Para baixo!

Ezio seguiu instintivamente o conselho, mergulhando ambos desamparadamente no fundo do *dhow* mais próximo. A mente de Ezio funcionava aceleradamente. Vira a cara do homem à luz da lanterna e tinha-o reconhecido. Como era possível?

Mas não tinha tempo para se preocupar com isso agora. Ouvia os passos do vigilante apressando-se pelo pontão.

— Eles viram-nos, que Alá os cegue — disse o homem. — É melhor enfrentá-los. Estás pronto?

Espantado, Ezio confirmou silenciosamente no escuro.

— Lido contigo logo que acabarmos com eles — acrescentou o homem.

— Eu não contaria com isso.

Não houve tempo para mais conversa pois os cinco vigilantes estavam já sobre eles. Felizmente, hesitaram antes de se lançarem para o tanque escuro do barco onde estavam Ezio e o seu aliado improvável, limitando-se a ficar ali parados no pontão, agitando as suas armas e gritando ameaças.

O homem grande contemplava-os.

— Carne para canhão — disse ele. — Mas é melhor calá-los agora, antes que atraiam demasiada atenção.

Em resposta, Ezio encolheu-se, agachou-se e saltou para o pontão

agarrando a sua extremidade e elevando-se num só movimento, que nos dias que corriam já não era assim tão fluido. No momento que demorou a recuperar o fôlego, três dos vigilantes já estavam sobre ele, empurrando-o para o solo com cassetetes pesados, enquanto um quarto homem se aproximava, agitando uma espada curta mas com um aspeto perverso. Levantou-a no ar para o golpe de misericórdia, mas nesse instante foi erguido no ar pelo pescoço, por trás, e foi arrojado aos gritos para a frente e para trás, aterrando numa queda doentia bem mais abaixo do pontão, onde permaneceu a gemer, com vários ossos partidos.

Enquanto os outros três atacantes de Ezio estavam distraídos, ele pôs-se de pé num salto e acionou a sua lâmina oculta, cortando através de dois deles com dois golpes rápidos e eficazes. Entretanto, o homem grande estava com o portador da lanterna, também ele um gigante, que se tinha livrado da vara e desembainhara uma enorme espada damasquina, que agitava ameaçadoramente sobre a cabeça do seu oponente, de momento abraçando-o num aperto próprio da luta livre. Ezio percebeu que a lâmina grossa desceria a todo o momento nas costas largas do homem grande. Amaldiçoou-se por não ter colocado a pistola, mas agora era tarde de mais. Pegou num cassetete caído e, empurrando o vigilante remanescente para o lado com o cotovelo, arremessou-o em direção à cabeça do homem da lanterna. A sua pontaria, graças a Deus, tinha sido certa. O cassetete atingiu o homem da lanterna em cheio entre os olhos, e ele cambaleou para trás, caindo de joelhos. Então Ezio sentiu uma dor aguda no flanco. O membro sobrevivente da vigília tinha sacado de um punhal e esfaqueado Ezio. Afundou-se e, antes de o seu mundo escurecer, viu o homem grande a correr na sua direção.

Quando Ezio despertou, estava deitado de costas algures, e o mundo agitava-se por debaixo dele. Não de um modo violento, mas regular. Era quase reconfortante. Deixou-se ficar por um momento, de olhos fechados, sentindo a brisa na face, relutante em regressar a qualquer que fosse o panorama que o aguardava, enquanto inspirava a brisa do mar.

A brisa do mar?

Abriu os olhos. O Sol estava alto no céu e ele podia ver uma vastidão total de azul. Uma forma obscura interpôs-se entre ele e o céu. Uma cabeça e um par de ombros. Uma cara preocupada, que o olhava de cima.

— Estás de volta. Ainda bem — disse o homem grande.

Ezio começou a tentar sentar-se, e enquanto o fazia, a dor do seu ferimento assolou-o. Gemeu e levou uma mão ao flanco. Sentiu ligaduras.

— É uma ferida superficial. Pouco profunda. Não é motivo para grande espalhafato.

Ezio ergueu-se. O pensamento seguinte foi para o seu equipamento. Olhou rapidamente à sua volta. Ali estava, ordenadamente arrumado na sua sacola de couro, aparentemente intocado.

— Onde estamos? — perguntou.

— Onde é que achas que estamos? No mar.

Dolorosamente, Ezio pôs-se de pé e olhou ao seu redor. Estava num dos *dhows* de pesca, atravessando paulatinamente a água, com a vela acima da sua cabeça inflada com o vento. Voltou-se para trás e viu Larnaca, um ponto da costa cipriota no horizonte distante.

— O que aconteceu?

— Salvaste-me a vida. E eu salvei a tua.

— Porquê?

— Porque é a lei. Embora seja uma pena. Depois do que me fizeste, bem o merecias.

O homem tinha estado o tempo todo de costas, a operar a cana do

leme, mas agora virara-se para Ezio. Pela primeira vez, Ezio olhou bem para a sua cara, reconhecendo-o instantaneamente.

— Destruíste os meus navios, amaldiçoado sejas. Estava a seguir o *Anaan* há dias. O prémio faria com que regressasse ao Egito um homem rico. Em vez disso, e graças a ti, fizeram de mim um escravo de galé. Eu! — O homem grande estava indignado.

— Egito? Então não és um berbere?

— Que os berberes se danem. Sou um mameluco, embora não o pareça nestes trapos. Logo que chegarmos, vou servir-me de uma mulher, de um prato decente de *kofta* e de roupas de qualidade.

Ezio olhou para ele novamente, tropeçando e voltando a ganhar equilíbrio quando uma onda inesperada embateu de través na proa.

— Não és lá grande marinheiro, pois não?

— Dou-me melhor nas gôndolas.

— Gôndolas? Bah!

— Se me quisesses ter matado...

— Podias censurar-me? Foi a única razão que me fez ficar por perto daquela latrina de porto veneziano depois de ter fugido. Nem queria acreditar na minha sorte quando te vi. Quase tinha desistido; eu próprio estava à procura de um modo de sair daqui, quando estava lá em baixo.

Ezio sorriu sardonicamente.

— Não te censuro.

— Enfiaste-me num tanque e deixaste-me lá para me afogar!

— Nadavas suficientemente bem. Qualquer idiota conseguia ver isso.

Foi a vez de o homem grande sorrir.

— Ah! Devia ter percebido que não conseguiria apelar à tua compaixão ao fingir que não sabia.

— Já pagaste a tua dívida, salvaste-me a vida. Porque me trouxeste contigo?

O homem grande estendeu as mãos.

— Estavas ferido. Se te tivesse deixado lá, ter-te-iam capturado, não passarias daquela noite. E que desperdício do meu esforço teria sido. Para além disso, podes fazer-te útil nesta banheira, ainda que sejas um adepto da terra firme.

— Sei tomar conta de mim.

Os olhos do homem grande tornaram-se sérios.

— Eu sei, *effendi*. Talvez só quisesses privar da tua companhia... Ezio Auditore.

— Sabes como me chamo.

— És famoso. O terror dos piratas. Não que isso te tivesse salvado depois de teres matado uma equipa de vigilantes ao tentar escapar.

Ezio refletiu sobre aquilo. Depois disse:

— Como te chamam?

O homem grande levantou-se. A sua dignidade desmentia os trapos de escravo de galé que ainda usava.

— Sou al-Scarab, o flagelo do Mar Branco.

— Oh — disse secamente Ezio. — Peço perdão.

— Estou temporariamente na mó de baixo — acrescentou al-Scarab, pesarosamente. — Mas não por muito tempo. Quando lá chegarmos, terei um barco novo e uma tripulação nova ao fim de uma semana.

— Quando lá chegarmos?

— Ainda não te disse? O único porto de jeito nas proximidades também está em mãos mamelucas — Acre.

8

Tinha chegado a altura.

Era-lhe difícil partir, mas a sua missão era imperativa, e chamava por Ezio com urgência. O tempo passado em Acre servira-lhe para descansar e recuperar, forçando-o a ser paciente enquanto esperava que a sua ferida sarasse, pois sabia que a sua demanda não daria em nada se não estivesse completamente apto para a cumprir. E o encontro com al-Scarab, que poderia ter sido desastroso se as coisas se tivessem passado de modo diferente, mostrou-lhe que se existissem anjos da guarda, ele tinha um a protegê-lo.

O pirata grande, que tinha derrotado na batalha a bordo do *Anaan*, tinha provado ser mais do que um salva-vidas. Al-Scarab tinha uma grande família em Acre, que acolheu Ezio como o resgatador do seu primo e como seu camarada de armas. Al-Scarab nada disse acerca da sua derrota no incidente do *Anaan* e pediu a Ezio que, em retribuição, não mencionasse o episódio e seguisse a sua deixa. Mas a fuga de Larnaca foi empolada numa luta de proporções épicas.

— Eles eram cinquenta... — dizia al-Scarab para começar a história, e o número de pérfidos venezianos que tinham sido obrigados a rechaçar aumentara cerca de dez vezes à décima vez em que contava a história. Os seus primos escutavam-na como se estivessem mesmerizados, de boca aberta e olhos esbugalhados, e nunca apontaram nenhuma das inconsistências da história. Pelo menos não incluiu um monstro marinho, pensou Ezio secamente.

O que não era uma invenção eram os avisos da família de al-Scarab acerca dos perigos para os quais Ezio se devia preparar na viagem que havia pela frente. Tentaram insistentemente persuadi-lo a levar consigo uma escolta armada, mas Ezio declinou assertivamente fazê-lo. Viajaria sozinho. Não sujeitaria outros aos perigos que sabia ter de enfrentar.

Logo após ter chegado a Acre, Ezio aproveitou a oportunidade para escrever uma carta à sua irmã, algo que já devia ter feito há muito. Escolheu

cuidadosamente as palavras, ciente de que esta poderia ser a última vez que comunicaria com ela.

Acre,
XX de novembro de MDX

Cláudia, minha querida irmã,

Estou em Acre faz hoje uma semana, seguro e bem-disposto, mas preparado para o pior. Os homens e mulheres que me alimentaram e deram abrigo aqui também me avisaram que a estrada para Masyaf é dominada por mercenários e bandidos que não são nativos desta terra. Receio sequer tentar adivinhar o que isso quererá dizer.

Quando parti de Roma há dez meses, fi-lo com um único propósito: descobrir aquilo que o nosso pai não conseguiu.

A carta que descobri, escrita no ano antes do meu nascimento, faz uma única menção a uma biblioteca escondida debaixo do solo do antigo castelo de Altair. Um santuário de sabedoria inestimável.

Mas o que irei encontrar quando lá chegar? Quem me receberá? Uma hoste de Templários ansiosos, como é o meu maior receio? Ou nada a não ser o vento frio e solitário a assobiar? Há mais de trezentos anos que Masyaf não é o lar dos Assassinos. Será que se lembra de nós? Será que ainda somos bem-vindos?

Ah, Cláudia, estou farto desta luta... Não por estar cansado, mas porque a nossa batalha parece ter-se movido apenas numa direção... para o caos. Atualmente tenho mais perguntas do que respostas. Foi por isso que viajei até tão longe: para encontrar respostas. Para encontrar a sabedoria deixada para trás pelo grande Mentor, para que possa compreender melhor o objetivo da nossa luta e o meu lugar nela.

Se algo me acontecer, querida Cláudia... se as minhas habilidades me falharem ou a minha ambição me desencaminhar, não procures vingança ou retaliação em minha memória, luta antes para procurar a verdade para que todos possam tirar benefício dela. A minha história é a de milhares de pessoas, e todo o mundo irá sofrer se terminar cedo de mais.

O teu irmão,
Ezio Auditore da Firenze

Al-Scarab, enquanto se equipava para os seus novos empreendimentos, também tinha providenciado para que Ezio fosse recebido pelos melhores médicos, pelos melhores alfaiates, pelos melhores cozinheiros e pelas melhores mulheres de que Acre dispunha. As suas lâminas foram amoladas e afiadas, o seu equipamento foi completamente limpo, reparado, substituído quando necessário e exaustivamente inspecionado.

Quando se aproximou o dia da partida de Ezio, al-Scarab apresentou-o com dois bons cavalos.

— Um presente do meu tio, que faz criação; mas não tenho lá grande uso para eles no meu ramo.

Eram cavalos árabes robustos, com uma suave tacha de couro e uma bela sela trabalhada de alta qualidade. Ezio continuou a recusar uma escolta, mas aceitou mantimentos para a sua viagem, que o levaria por terra através do que há muito tempo tinha sido o reino cruzado de Jerusalém.

E agora tinha chegado a altura da despedida. A última etapa de uma longa viagem, que Ezio não tinha como saber se chegaria ao seu fim. Mas para ele apenas existia a viagem. E tinha de ser feita.

— Que Deus te acompanhe, Ezio.

— *Baraq Allah feeq*, meu amigo — respondeu Ezio, apertando a mão do grande pirata.

— Vamos reencontrar-nos.

— Sim.

Ambos se interrogaram se, lá no fundo, estavam a dizer a verdade, mas as palavras reconfortavam-nos. Não importava. Olharam-se nos olhos e souberam que os seus caminhos distintos se uniam na mesma amizade.

Ezio montou o maior dos dois cavalos, o baio, e fê-lo rodopiar.

Sem olhar para trás, saiu da cidade, dirigindo-se para norte.

Masyaf estava a trezentos e vinte quilómetros de distância, numa linha reta, de Acre. A terra deserta, aparentemente inofensiva, que separava os dois pontos era tudo menos inofensiva. A grande expansão otomana tinha continuado ininterruptamente nos últimos duzentos anos, e culminara com a invasão de Constantinopla em 1453 pelo sultão Maomé II, de apenas vinte anos. Mas os tentáculos turcos ainda se estendiam para oeste até à Bulgária e ainda mais além, e para sul e para leste até à Síria e o que tinha sido a Terra Santa. A faixa costeira a leste do Mar Branco, com os seus pontos vitais e o acesso por água a oeste, era uma joia da coroa, e o domínio otomano ainda era aqui bastante frágil. Ezio não tinha ilusões sobre as batalhas que teria de travar enquanto se dirigia, solitário, em direção a norte. Seguiu a costa durante a maior parte do caminho, mantendo o mar cintilante à sua esquerda, cavalgando por entre os altos penhascos e os matagais desolados que os acumeavam, viajando nas horas entre a aurora e o crepúsculo, abrigando-se durante as quatro horas em que o Sol estava no pico e descansando novamente durante quatro horas sob as estrelas.

Viajar sozinho tinha as suas vantagens. Podia passar despercebido com maior facilidade do que teria sido possível com uma escolta, e o seu olhar apurado discernia os pontos de perigo à sua frente suficientemente bem para os contornar ou esperar que eles passassem. Estava no território dos salteadores, onde bandos de mercenários desempregados relativamente bem organizados vagueavam, matando viajantes e uns aos outros por aquilo que conseguissem obter, sobrevivendo, como parecia a Ezio, apenas por instinto, numa região ainda a viver o rescaldo de séculos de guerra. Os homens tinham-se transformado em feras, sem raciocínio, sem esperanças e sem medos; homens que tinham perdido todo e qualquer resquício de consciência. Impiedosos e temerários, tão calejados quanto imunes ao remorso.

Houve escaramuças, quando não se podiam evitar, e cada uma delas sem necessidade, deixando mais alguns cadáveres para os abutres e para os

corvos, que eram as únicas criaturas a prosperar nessa terra de ninguém, esquecida por Deus. Numa ocasião, Ezio salvou um aldeão assustado dos salteadores e noutra, uma mulher da tortura, do estupro e da morte. Mas por quanto tempo? E o que lhes sucederia quando ele partisse? Ele não era Deus, não podia estar em todo o lado e ali, um lugar que outrora Cristo percorrera, Deus não dava provas de cuidar dos Seus.

Quanto mais avançava para norte, mais pesado se tornava o coração de Ezio. Só o fogo da demanda o mantinha na rota. Atou ramos de arbustos às caudas dos cavalos para erradicar o trilho que formava à sua passagem e, de noite, espalhava ramos de espinheiro para repousar sem nunca estar a dormir profundamente. A vigilância constante não era apenas o preço da liberdade, também era o preço da sobrevivência. Embora os anos passados o tivessem roubado de alguma da sua força, isso era compensado pela experiência que tinha adquirido, e os frutos do treino, que lhe tinham sido incutidos por Paola e Mário há tanto tempo em Florença e Monteriggioni, ainda não tinham apodrecido. Embora Ezio sentisse por vezes que não conseguia continuar, que não iria continuar, ele continuava.

Trezentos e vinte quilómetros numa linha reta. Mas este inverno era rigoroso, e havia muitos desvios e atrasos pela estrada fora.

Era o início do ano 1511 do Nosso Senhor, e mais uma vez o dia do banquete de Santo Hilário, quando Ezio viu as montanhas erguerem-se à sua frente.

Inspirou uma golfada profunda de ar fresco.
Masyaf estava perto.

Três semanas depois, agora a pé, com ambos os cavalos mortos nos desfiladeiros gelados por onde tinha passado, Ezio manteve o seu objetivo focalizado em memória deles, pois tinham sido companheiros mais dedicados e leais do que muitos homens.

Uma água voava a grande altitude no céu ofuscante e limpo.

Ezio, coberto de pó e cansado pela estrada, desviou os olhos dela, trepou e atravessou um muro irregular, e ficou parado por um momento, examinando a cena com olhos astutos.

Masyaf. Depois de doze penosos meses de viagem. E que longa viagem tinha sido; os caminhos tinham sido difíceis e o tempo mau.

Agachando-se, só para prevenir, e mantendo-se quieto enquanto inspecionava instintivamente as armas, Ezio manteve-se de vigia. À espera de um sinal de movimento. Um sinal.

Não se via viva alma nas ameias. Rajadas de neve espiralavam com o vento cortante. Mas nem sinal de um homem. O lugar parecia deserto. Era

como esperava daquilo que tinha lido. Mas a vida ensinara-lhe que era sempre melhor ter a certeza. Manteve-se imóvel.

Nem um som trazido pelo vento. Depois ouviu-se algo. O som de algo a raspar? Uma mão-cheia de calhaus rolou por um declive à sua esquerda. Ele retesou-se, erguendo-se ligeiramente, com a cabeça encolhida entre os ombros. Depois a seta alojou-se no seu ombro direito, atravessando essa parte da armadura.

A madrugada estava fria e cinzenta. Na sua imobilidade, Ezio acordou das suas memórias e direcionou toda a sua concentração para o presente ao ouvir o barulho proveniente das passadas dos guardas a aproximarem-se da sua cela. Chegara o momento.

Fingiria estar fraco, o que até nem era muito difícil. Há muito tempo que não sentia tanta sede e fome, mas o copo e a comida ainda estavam intocados na mesa. Deitou-se no chão de barriga para baixo, com o capuz cobrindo-lhe a face.

Ouviu a porta da cela a abrir com um estrondo, e os homens entraram. Pegaram-no por debaixo dos ombros e ergueram-no o suficiente para o arrastarem pelo corredor exterior cinzento e austero. Olhando para o chão enquanto era levantado, Ezio viu gravado numa pedra mais escura do que as outras o grande símbolo dos Assassinos, a sua insígnia desde tempos imemoriais.

O corredor deu lugar a um espaço mais aberto, uma espécie de salão aberto num dos lados. Ezio sentiu o ar fresco e penetrante na face, e isso reavivou-o. Ergueu ligeiramente a cabeça e viu diante de si aberturas altas demarcadas por estreitas colunas, que proporcionavam uma vista desobstruída para as montanhas implacáveis. Estavam no alto da torre. Os guardas puseram-no de pé e ele libertou-se deles, sacudindo-os. Eles recuaram ligeiramente, com as alabardas preparadas, em baixo mas apontadas na sua direção. À sua frente, de costas para o abismo, estava o capitão do dia anterior. Tinha uma ligadura na mão.

— És um homem tenaz, Ezio — disse o capitão. — Percorrer todo este caminho só para dar uma vista de olhos ao interior do castelo de Altaïr. Isso mostra que tens coragem.

Fez um gesto aos seus homens para recuarem ainda mais, deixando Ezio sozinho. Depois prosseguiu.

— Mas agora és um cão velho. É melhor acabar com a tua vida miserável do que ver-te a definhar até um triste fim.

Ezio virou-se ligeiramente para se dirigir diretamente ao homem. Aquele movimento mínimo, reparou com satisfação, foi o suficiente para fazer os alabardeiros sobressaltarem-se e apontarem-lhe as armas.

— Tens algo a dizer antes que te mate? — disse Ezio.

O capitão era feito de matéria mais dura do que os seus homens. Manteve-se firme e riu-se.

— Pergunto-me quanto tempo demorará aos abutres limpar os ossos do teu corpo enquanto balanças neste parapeito?

— Há uma águia algures lá em cima. Vai manter os abutres à distância.

— Isso vai valer-te de grande coisa. Avança, ou tens medo de morrer? Não vais querer ser arrastado para a tua morte, não é?

Ezio avançou muito lentamente, com todos os sentidos alerta.

— Muito bem — disse o capitão, e Ezio pressentiu imediatamente um ligeiro relaxamento. Será que o homem realmente acreditava que ele estava a desistir? Seria assim tão convencido? Tão estúpido? Se assim fosse, tanto melhor. Mas ainda assim, talvez este homem feio, que cheirava a suor e carne cozinhada, tivesse razão. O momento da morte alguma vez tinha de chegar.

Uma plataforma de madeira estreita projetava-se para o abismo para além da ampla janela por entre as colunas, com talvez três metros de comprimento e um de largura e constituída por seis tábuas toscas. Parecia antiga e pouco segura. O capitão fez uma vénia, num gesto de convite irónico. Ezio avançou novamente, aguardando pelo momento certo, mas ao mesmo tempo interrogando-se se iria ter oportunidade. As tábuas rangeram ominosamente sob o seu peso, e o ar à sua volta estava frio. Olhou para o céu e para as montanhas. Então viu a águia pairando, quinze ou trinta metros por baixo dele, com as suas penas brancas ao vento, e isso, de algum modo, deu-lhe esperança.

Depois aconteceu algo mais.

Ezio reparou numa plataforma similar projetando-se da torre à mesma altura, cinco metros à sua direita. E sobre ela, sozinho, avançando temerosamente, estava o jovem rapaz encapuzado, de branco, de quem tinha tido um vislumbre no decorrer da batalha. Ezio observava-o, sustendo a respiração, enquanto o homem parecia virar-se na sua direção, começando a fazer um gesto...

Depois, como tinha sucedido anteriormente, a visão desvaneceu-se, e não se ouvia nada a não ser o vento e a queda ocasional de uma rajada de neve. Até a águia desaparecera de vista.

O capitão aproximou-se, com uma força na mão. Ezio notou que havia bastante folga na corda atrás dele.

— Não vejo nenhuma águia — disse o capitão. — Aposto que os abutres não demorarão mais de três dias.

— Depois digo-te — retorquiu Ezio no mesmo tom.

Um grupo de guardas surgiu por detrás do capitão, mas foi o próprio, aproximando-se pelas costas de Ezio, que lhe ergueu o capuz, colocou o nó da força pela sua cabeça, e apertou-o com força à volta do pescoço.

— Agora! — disse o capitão — Agora.

No preciso momento em que sentiu as mãos do capitão sobre os ombros, preparado para o empurrar para o abismo, Ezio levantou o braço direito, dobrou-o, e atirou violentamente o cotovelo para trás. Enquanto o capitão caía para trás com um grito, tropeçando para cima dos seus companheiros, Ezio inclinou-se e apanhou a corda das tábuas e, esgueirando-se por entre os três homens, girou e enrolou o nó da força em torno do pescoço do capitão cambaleante. Depois saltou da plataforma para o vazio.

O capitão tentou firmar-se, mas era tarde de mais. Foi atirado às tábuas pelo impacto do peso de Ezio enquanto este caía. As tábuas estremeceram quando a sua cabeça embateu nelas. A corda esticou-se com um estalo, quase partindo o pescoço do capitão que esperneava, lutando contra a morte.

Proferindo todos os juramentos que sabiam, os guardas desembainharam as espadas e avançaram rapidamente, golpeando a corda para libertar o oficial. Quando a corda fosse cortada, o amaldiçoado Ezio Auditore mergulharia para a morte nos rochedos cento e cinquenta metros abaixo, e desde que estivesse morto, de que interessava a maneira como isso acontecia?

No fim da corda, contorcendo-se no vazio, Ezio tinha ambas as mãos entre o nó e o seu pescoço, lutando para impedir que este lhe bloqueasse a traqueia. Examinou a cena por baixo de si. Estava a balançar perto das muralhas. Tinha de haver algo que lhe amortecesse a queda. Mas se não houvesse, era melhor ir de encontro à morte desta maneira do que submissamente.

Lá em cima, na plataforma perigosamente titubeante, os guardas conseguiram, por fim, cortar a corda, que já estava a tirar sangue do pescoço do capitão. E Ezio deu por si a cair, a cair...

Mas no momento em que sentiu a corda lassa, balançou o corpo para mais perto das muralhas do castelo. Masyaf foi construída para Assassinos por Assassinos. Não o abandonaria. Tinha visto um resquício de um andaime projetando-se das muralhas quinze metros mais abaixo. Guiou o corpo nessa direção enquanto mergulhava para baixo. Conseguiu segurar-se,

estremecendo de dor quando o seu braço quase se deslocou da omoplata. Mas o andaime aguentou, e ele também se aguentou e, cerrando os dentes com o esforço, elevou-se até conseguir segurar-se com ambas as mãos.

Mas ainda não era o fim. Os guardas, inclinando-se pela plataforma, tinham visto o que acontecera, e começaram a atirar-lhe tudo o que conseguiam para o desalojar. Pedras, rochas e pedaços de madeira partidos choviam sobre ele. Ezio olhou desesperadamente à sua volta. À sua esquerda, uma escarpa trepava pelas paredes, a talvez seis metros de onde ele estava. No seu sopé discernia-se o cume de um penhasco, onde se estendia uma ponte de pedra em ruínas sobre um abismo que dava para um caminho estreito que contornava a montanha em frente.

Agachando-se devido à chuva de detritos vinda de cima, Ezio começou a balançar para a frente e para trás, com as mãos deslizando na madeira do andaime, que era macia como gelo; mas as mãos aguentaram, e logo o movimento ganhou ímpeto. O momento certo deu-se quando já não conseguia aguentar mais e teve de arriscar. Convocou toda a sua energia para tomar balanço para trás, atirando-se para o vazio enquanto o seu corpo se movia para a frente, abriu os braços no ar como uma águia e voou para a escarpa.

Aterrou pesadamente, e mal, ficando sem fôlego. Antes de ter tempo de recuperar o equilíbrio, tombou pela encosta, rebolando no solo acidentado, mas conseguiu gradualmente direcionar o seu corpo ferido para a ponte. Sabia que a direção era vital, pois se não caísse no local exato, seria atirado pela borda do penhasco para um abismo desconhecido. Caía com demasiada rapidez, mas não tinha qualquer controlo sobre a sua velocidade. Manteve de algum modo as forças e finalmente parou, três metros pela ponte cambaleante adentro.

Uma pergunta urgente abalou-o: que idade teria esta ponte? Era estreita, longa mas sem pilares intermédios, e abaixo, muito abaixo, ouvia-se água a embater furiosamente nos rochedos, invisíveis nas profundezas do abismo negro. O impacto do seu peso lançado de encontro à ponte abalou-a. Quanto tempo tinha passado desde que fora transposta pela última vez? A sua estrutura de pedra estava já a desfazer-se, enfraquecida pela idade, e a argamassa estava podre. Quando se levantou, viu, horrorizado, uma racha a abrir-se a um mero metro e meio atrás de si. A racha foi-se alargando, e a maçonaria de cada um dos lados começou a ruir, caindo descontroladamente nas trevas do abismo.

Enquanto Ezio observava a cena, o próprio tempo parecia passar mais devagar. Agora não havia como recuar. Apercebeu-se imediatamente do que iria acontecer. Virando-se, começou a correr com toda a velocidade, convocando todos os músculos do seu corpo esgotado para um último

esforço. Correu através da ponte até ao outro lado, com a estrutura a fraturar-se e a ruir atrás de si. Faltavam vinte metros — dez —, podia sentir a rocha a fugir-lhe por debaixo dos calcanhares. Por fim, com o peito praticamente aberto com o esforço de respirar, embateu diretamente de encontro à rocha acinzentada da montanha, com a bochecha encostada à parede e os pés seguros no caminho estreito, incapaz de raciocinar ou de fazer qualquer coisa, ouvindo o som das pedras da ponte a cair na torrente abaixo, ouvindo os sons desvanecerem-se aos poucos até nada restar, nada a não ser o som do vento.

Gradualmente, a respiração de Ezio acalmou e regularizou-se, e as dores nos músculos, esquecidas durante a crise, começaram a regressar. Mas havia muito a fazer antes que pudesse permitir o descanso que o seu corpo precisava. O que tinha de fazer era alimentá-lo. Não comia nem bebia nada há quase vinte e quatro horas.

Ligou as mãos esfoladas o melhor que pôde, usando um lenço rasgado em dois, retirado da sua túnica. Fez uma concha com as mãos para capturar um fio de água que passava pela rocha no local onde a sua bochecha estava encostada. Parcialmente aliviado, afastou-se da superfície onde tinha estado encostado e autoexaminou-se. Não tinha ossos partidos, apenas uma distensão no flanco direito onde tinha sido ferido, mas nada mais, nada de grave.

Analizou a situação. Parecia que ninguém tinha sido enviado em sua perseguição, mas teriam visto a sua queda pela escarpa abaixo e a sua corrida pela ponte que ruía; talvez não tivessem visto que tinha conseguido transpô-la, talvez tivessem meramente assumido que não conseguira. Mas não podia descartar a possibilidade de haver grupos de busca, nem que fosse para resgatar o seu cadáver. Os Templários iriam querer assegurar-se de que o Mentor dos seus arqui-inimigos estava de facto morto.

Olhou para a orla da montanha onde estava. Era melhor escalar do que percorrer o caminho. Não sabia até onde ia, e era demasiado estreito para lhe dar espaço de manobra se tivesse de lutar. Parecia escalável. No mínimo poderia encontrar algumas poças de neve, e saciar verdadeiramente a sua sede. Sacudiu-se, roncando, e iniciou a sua tarefa.

Estava satisfeito por vestir roupa escura, pois assim não tinha de se esforçar para se camuflar na face rochosa enquanto rastejava pela montanha acima. A princípio, foi fácil encontrar apoios para as mãos e para os pés, embora por vezes tivesse de se esticar ao máximo, altura em que os seus músculos guinchavam em protesto, e numa ocasião uma lasca de rocha

desintegrou-se na sua mão, quase causando que caísse os cerca de trinta metros que já tinha escalado. A pior coisa — e a melhor — era o ténue mas constante fio de água que escorria de cima. Pior porque as rochas molhadas são escorregadias; melhor, porque uma queda de água assinala um ribeiro, ou pelo menos um riacho, lá em cima.

Mas após meia hora de escalada, chegou ao topo de um penhasco, e não de uma montanha, já que o solo que pisou era plano e estava coberto por tufos de erva daninha. Uma espécie de prado alpino estéril, limitado em dois dos lados por paredes de rocha negra e cinzenta, mas com uma ampla abertura a oeste, pelo que Ezio conseguia ver. Havia uma estrada montanhosa, mas que parecia surgir de nenhures. Talvez tivesse uma origem, há muito tempo. Um terramoto em tempos idos poderia bem ter criado os penhascos que acabara de escalar e a garganta onde a ponte tinha caído.

Ezio correu para um dos lados do pequeno vale para fazer o reconhecimento. Onde havia passagens, onde havia água, também poderia haver pessoas. Esperou, quase inerte, durante outra meia hora antes de se aventurar em frente, agitando os músculos para os manter quentes, já que tinham começado a retesar-se com o longo período de imobilidade. Estava molhado, estava a ficar com frio. Não podia dar-se ao luxo de ficar exposto aos elementos durante muito mais tempo. Uma coisa era escapar aos Templários, mas o seu esforço seria em vão se fosse vítima da natureza.

Aproximou-se do riacho, que localizou pelo gorgolejar da água. Agachando-se à sua margem, bebeu tanto quanto ousou sem ficar saturado. Seguiu-o. Alguns arbustos silvestres começaram a surgir pelas suas margens, e logo chegou a uma talhadia definhada junto a um charco. Parou aí. Seria um milagre se alguma coisa sobrevivesse ali, tão longe da aldeia que se estendia no sopé do castelo de Masyaf, nem que fosse um animal que pudesse apanhar para comer; mas se havia um charco, também havia a hipótese remota de haver peixe.

Ajoelhou-se e perscrutou as profundezas das águas escuras. Imóvel como uma garça-real, forçou-se a ser paciente. Depois, por fim, uma ondulação, muito fraca, que desapareceu logo depois de perturbar a superfície da água, mas o suficiente para perceber que havia um ser vivo lá dentro. Prosseguiu com a vigilância. Pequenas moscas pairavam junto da superfície do charco. Algumas voaram até ele, incomodando-o, atraídas pelo calor corporal. Suportou o incómodo e as suas mordidelas minúsculas mas ferozes, não ousando enxotá-las.

Depois viu-o; um corpo grande, carnudo, da cor de um cadáver, movendo-se indolentemente a quinze centímetros da superfície. Era melhor do que tinha ousado pensar; parecia uma carpa, talvez, ou algo muito similar. Enquanto observava, outra, muito mais escura, juntou-se àquela,

e depois uma terceira, com as escamas de um dourado-acobreado. Ezio aguardou que fizessem aquilo que ele esperava: pôr a boca de fora e engolir ar. Seria esse o momento certo. Totalmente concentrado, retesou o corpo e firmou as mãos. O peixe mais escuro foi o primeiro, as bolhas surgiam ao mesmo tempo que uma boca grossa emergia.

Ezio lançou-se.

E caiu de costas, exultante, com o grande peixe contorcendo-se freneticamente sob o jugo dele, mas incapaz de deslizar para fora do seu alcance. Deitou-o no chão, ao seu lado, e matou-o com uma pedra.

Não tinha como o cozinhar. Teria de o comer cru. Mas depois olhou novamente para a rocha que usara para o matar e lembrou-se do pedaço de rocha que se soltara da parede durante a sua escalada. Sílex! Com alguma sorte, conseguiria acender uma fogueira, tanto para secar as roupas como para cozinhar. O peixe cru não o incomodava; além disso, tinha lido que algures num país inimaginável muito longe para leste havia um povo que o via como um acepipe. Mas as roupas molhadas eram outra coisa. Quanto ao fogo em si, ia arriscar. Pelo que tinha visto, era provavelmente o primeiro humano a pisar aquele vale nos últimos mil anos, e as suas paredes altas escondiam-no da vista à distância.

Reuniu a madeira de alguns arbustos da talhadia e após alguns momentos de experimentação, conseguiu formar um minúsculo brilho avermelhado num punhado de erva. Cuidadosamente, colocou a erva debaixo de uma tenda de ramos que tinha preparado, queimando-se quando o seu fogo despertou de imediato. Ardia bem, emitindo pouco fumo, e o que emitia era disperso e leve, sendo imediatamente dissipado para o nada pela brisa.

Pela primeira vez desde que tinha avistado Masyaf, Ezio sorriu.

Para poupar tempo, despiu as roupas — apesar do frio — para as secar ao fogo em cabides rudimentares feitos com silvas enquanto o peixe cozinhava e borbulhava num espeto simples. Menos de uma hora depois, com a fogueira extinta e os seus restos espalhados, sentiu um certo calor na barriga e conseguiu, pouco depois, vestir as roupas que, mesmo não tendo vindo diretamente da lavadeira, estavam suficientemente secas para se usarem confortavelmente. Teriam de acabar de secar no corpo. Quanto ao cansaço, teria de esperar. Resistiu ao desejo de dormir perto do fogo e do charco, uma luta tão dura como qualquer outra que tivesse tido no caminho, mas era agora recompensado por um segundo fôlego.

Sentia-se à altura da tarefa de regressar ao castelo. Precisava do seu equipamento, e depois precisava de desvendar os segredos do lugar se queria que a sua demanda tivesse algum significado.

Enquanto lembrava o caminho percorrido até ali, reparou, pouco

antes de ter alcançado o penhasco que trepara, que no lado sul do vale havia outro caminho que subia pelo flanco da rocha. Quem teria aberto tais caminhos? Homens dos primórdios do tempo? Ezio não tinha tempo para ponderar acerca disso, mas estava contente que os caminhos existissem. Aquele erguia-se pronunciadamente para leste na direção de Masyaf. Ezio começou a subir.

Depois de uma subida de perto de cento e cinquenta metros, o caminho terminava num cabo estreito, onde algumas pedras de alicerce testemunhavam a presença remota de uma torre de vigia a partir de onde os guardas podiam ter observado toda a terra em redor e avisado o castelo da aproximação de um exército ou de uma caravana. Olhando para baixo na direção leste, via o grande complexo de Masyaf, com as suas altas muralhas e torres abobadadas, estender-se a seus pés. Ezio fixou o olhar, e os seus olhos, tão aguçados como os de uma águia, começaram a descortinar os detalhes que o ajudariam a lá regressar.

Bem lá em baixo, distinguiu uma ponte de corda que atravessava o abismo que antes era atravessado pela ponte de pedra que ele tinha transposto. Perto dela, havia um posto de guarda. Não havia qualquer outro acesso ao castelo, pelo que podia perceber do lado onde estava, mas no outro lado da ponte, o caminho até ao castelo estava relativamente desobstruído. O caminho que descia até à ponte era outra conversa. Uma cascata íngreme de rocha negra, suficiente para desencorajar a mais firme das cabras alpinas. E estava totalmente à vista do posto de guarda que ficava na extremidade da ponte que dava para o castelo.

Ezio olhou para o Sol. Tinha acabado de atravessar o seu zénite. Calculou que demoraria quatro a cinco horas a alcançar o castelo. Tinha de estar lá dentro antes que a noite caísse.

Abandonou o cabo e iniciou a sua descida, lentamente, tendo cuidado para não desalojar o emaranhado de pedras soltas, não fossem estas cair pela montanha abaixo e alertar os Templários que guardavam a ponte. Era um trabalho delicado, mas o Sol punha-se atrás de si e, por isso, ofuscava os olhos de eventuais vigias lá em baixo, e Ezio estava grato pela proteção. Teria terminado a descida antes que o Sol se pusesse.

Finalmente alcançou a segurança e o abrigo de um afloramento com chão plano a não mais de cinquenta metros do lado oeste da ponte. Estava a esfriar e o vento levantava-se. A ponte — feita de corda preta alcatroada, com tábuas de madeira estreitas a servirem de passadeira — balançava e rangia. Ezio observou dois guardas a emergir do posto e a caminhar para a frente e para trás do lado de lá, mas não se aventurando pela ponte em si. Estavam armados com bestas e espadas.

A luz estava baça e difusa, tornando difícil calcular distâncias. Mas

a luz que escasseava era uma vantagem para Ezio, permitindo que se diluísse no ambiente circundante. Como uma sombra, agachando-se, aproximou-se da ponte, mas não teria qualquer cobertura assim que estivesse sobre ela, já para não dizer que estava desarmado.

Parou novamente a cerca de três metros de distância, atento aos guardas. Ezio reparou com satisfação que pareciam com frio e aborrecidos, pelo que não estariam alerta. Nada mais tinha mudado, exceto o facto de que alguém acendera uma lanterna dentro do posto, e ele ficou assim a saber que havia mais do que dois deles.

Precisava de algum tipo de arma. Estava demasiado preocupado aquando da descida final em não revelar a posição para procurar alguma coisa, mas não tinha esquecido que a rocha da montanha era sílex, e havia imensos estilhaços a seus pés. Eles refletiam a luz mortíça. Escolheu um deles, uma lasca em forma de lâmina, com cerca de trinta centímetros de comprimento e dois de largura. Ao apanhá-la do chão, foi demasiado precipitado, causando que outras rochas tinssem umas nas outras. Ficou imóvel. Mas não houve reação. A ponte tinha trinta metros de comprimento. Poderia facilmente chegar a meio antes de os guardas repararem nele. Mas teria de ser agora. Tomou balanço, levantou-se e lançou-se em frente.

Uma vez chegado à ponte, atravessá-la não se revelou tarefa fácil. Balançava e rangia assustadoramente sob o vento selvagem que agora se fazia sentir, fazendo com que tivesse de se segurar às cordas para se equilibrar. Tudo isso demorou o seu tempo. E os guardas já o tinham visto. Gritaram em desafio, fazendo-o ganhar um ou dois segundos, mas ao vê-lo avançar, sacaram das bestas, armaram-nas com setas, e dispararam. Enquanto o faziam, surgiram de rompante mais cinco guardas de dentro do posto, com as bestas em riste.

A falta de luz afetou a pontaria deles, mas foi o suficiente para obrigar Ezio a baixar-se e a desviar-se para as evitar. A certa altura no centro da ponte, uma tábua velha estalou por debaixo dele, prendendo-lhe o pé, mas conseguiu soltá-lo antes de a sua perna se afundar pela brecha; aí estaria tudo acabado. Mas teve sorte em conseguir evitar mais do que um tiro de raspão quando uma seta lhe acariciou o pescoço, perfurando-lhe a parte de trás do capuz. Sentia na pele o calor da seta.

Tinham parado de disparar de momento e estavam a fazer outra coisa. Ezio esforçou-se para descobrir que coisa era essa.

Guinchos!

Tinham corda de sobra nos guinchos e preparavam-se para a soltar, enquanto desprendiam os guinchos e os deixavam cair. Podiam voltar a erguer a ponte depois de o terem tombado para a garganta abaixo.

Merda, pensou Ezio, meio a correr, meio a tropeçar para a frente.

Duas vezes no mesmo dia! Faltavam cinco metros, pelo que se atirou pelo ar enquanto a ponte caía por debaixo dele; tombou sobre um guarda, pôs outro inconsciente e enterrou a lâmina de sílex no pescoço do primeiro homem, mas esta partiu-se quando a tentou retirar, talvez por ter embatido num osso. Equilibrando-se e girando, puxou para si o segundo guarda, que ainda não tinha recuperado, desembainhou a espada do homem com habilidade e trespassou-o com ela.

Os outros três livraram-se das bestas e desembainharam as espadas, empurrando-o para o precipício. Ezio pensou rapidamente. Não tinha visto mais homens nas redondezas, ninguém para fazer soar o alarme; teria de acabar com estes três homens ali e depois penetrar no castelo antes que fossem descobertos. Mas os homens eram grandes, e não tinham estado de guarda; estavam frescos e repousados.

Ezio avaliou o peso da espada na sua mão. Olhou para cada uma das caras. O que via agora nos seus olhos? Medo? Seria *medo*?

— Cão Assassino! — cuspiu um deles, embora com a voz quase a tremer. — Deves ter um pacto com o Diabo!

— Se há Diabo algures, é dentro de vós — rosnou Ezio, atirando-se para a frente, sabendo que podia aproveitar o medo que eles tinham de ele estar a ser animado por uma força sobrenatural. *Se solo!*

Então aproximaram-se, rogando-lhe pragas numa voz tão alta que Ezio apressou-se a abatê-los só para os calar. Os seus golpes eram ferozes mas apavorados, e a tarefa dele depressa terminou. Arrastou os corpos para dentro do posto de guarda, mas não tinha tempo para reerguer a ponte; para além disso, um homem sozinho não o conseguiria. Considerou momentaneamente trocar de roupas com um dos guardas, mas isso seria um desperdício de tempo precioso, e a escuridão que caía era sua aliada.

Ezio começou a percorrer o caminho que dava para o castelo, grato pelas sombras que se faziam ver a seu lado. Chegou aos seus alicerces pelo lado mais desprotegido sem ser molestado. O Sol já quase não se via, apenas uma luz avermelhada iluminava os penhascos e as montanhas distantes a oeste. Estava frio e o vento era insistente. O castelo, velho como era, tinha as pedras das muralhas já gastas que providenciavam suportes para as mãos e para os pés, suficientes para um alpinista que sabia o que estava a fazer. Ezio, tendo sempre presente na sua mente a imagem do esquema da fortaleza, que tinha estudado em Roma, invocou as últimas reservas de energia e começou a trepar. Trinta metros, calculava, e estaria no anel exterior da fortaleza. Depois disso, sabia onde estavam situados os portões de ligação que conduziam às fortificações internas, às torres e ao forte.

A escalada era mais difícil do que tinha pensado. Os braços e as pernas doíam-lhe, e desejou ter qualquer tipo de utensílio que lhe aumentasse

o alcance, que agarrasse inflexivelmente os apoios e aumentasse o poder das suas mãos. Mas forçou-se a continuar a subida e, quando os últimos raios de Sol morriam atrás dos negros baluartes das montanhas, dando lugar às primeiras estrelas pálidas, Ezio caiu sobre um passadiço poucos centímetros abaixo das ameias da muralha exterior. Havia torres de vigia a cerca de cinquenta metros de cada lado, mas os guardas olhavam para fora e para baixo — tinham entreouvido alguns distúrbios vindos do posto de guarda junto à ponte.

Ergueu o olhar para a torre do forte. Teriam guardado o seu equipamento — os preciosos alforjes com as suas armas — na segura arrecadação da cave por baixo dela.

Saltou do passadiço para o chão, mantendo-se sempre nas sombras. Virou à direita, na direção do portão que dava acesso ao forte.

Silencioso como um puma e sempre procurando os caminhos mais obscuros, Ezio alcançou o seu objetivo sem enveredar em mais confrontos. E ainda bem, porque a última coisa que desejava era outra luta barulhenta. Se o encontrassem novamente, não lhe dariam margem de manobra nem o espectro de uma oportunidade de escapar — matá-lo-iam imediatamente, trespassando-o como uma ratazana. Havia poucos guardas nas imediações; só tinha visto aqueles que estavam nas ameias. Deviam estar fora do seu posto, à procura dele sob a luz proporcionada pela miríade de estrelas; e a briga no posto de guarda teria feito com que redobrassem os esforços, pois tinha-se provado sem sombra de dúvidas que ele não estava morto.

Havia dois guardas Templários mais velhos sentados à beira de uma mesa tosca de madeira perto da entrada da arrecadação da cave. Na mesa, jaziam um grande jarro de estanho e duas canecas de madeira. Ambos os guardas tinham as cabeças e os braços sobre a mesa. Estavam a ressonar. Ezio aproximou-se com extrema cautela, tendo visto o molho de chaves a balançar na cintura de um dos homens.

Não se tinha esquecido das técnicas de carteirista que a Assassina *madame* Paola lhe ensinara quando era um jovem em Florença. Muito cuidadosamente, tentando evitar que as chaves chocassem — porque o mínimo som poderia acordar os homens, o que significaria a sua desgraça —, levantou o aro e, com a outra mão, desfêz desajeitadamente o nó de couro que o prendia ao cinto do homem. A dada altura o nó ficou preso e, no esforço para o desprender, Ezio puxou-o com demasiada força e o homem agitou-se. Ezio ficou pétreo, vigilante, com ambas as mãos preparadas mas impossibilitadas de chegar a qualquer uma das duas armas do guarda. No entanto, o homem limitou-se a fungar e continuou a dormir, franzindo o sobrolho com desconforto, talvez provocado por um sonho.

Por fim, o molho de chaves estava nas mãos de Ezio, e ele arrastou-se pelo corredor alumiado por tochas que estava à frente dos guardas, pers-

crutando as portas pesadas de madeira guarnecidas de ferro que se estendiam por ambos os lados.

Tinha de agir com rapidez, mas era um trabalho moroso, experimentar cada chave do grande molho de aço em cada uma das portas, ao mesmo tempo evitando fazer qualquer barulho enquanto as manuseava. À quinta porta teve sorte. Abriu a porta de um verdadeiro arsenal, armas de vários tipos amontoadas ordenadamente em estantes de madeira que atravessavam toda a extensão das paredes.

Tinha tirado uma tocha do seu suporte junto à porta e, sob a sua luz, depressa encontrou os seus alforjes. Uma inspeção rápida indicou que nada tinha sido levado ou até tocado, tanto quanto conseguia ver. Suspirou de alívio porque estas eram as últimas coisas que queria que os Templários tivessem nas suas mãos. Os Templários tinham pessoas inteligentes ao seu serviço, e teria sido desastroso se conseguissem copiar as lâminas ocultas.

Inspeccionou-as com brevidade. Tinha viajado apenas com o que considerava ser o seu equipamento essencial, e descobriu, depois de voltar a inspeccioná-las, que tudo o que tinha trazido consigo estava no devido lugar. Apertou a cimitarra à cintura, desembainhando-a para se assegurar de que a sua lâmina ainda estava afiada, e voltando a colocá-la na bainha com firmeza. Prendeu a proteção ao seu braço esquerdo e a lâmina oculta intacta ao seu pulso esquerdo. Arrumou a lâmina partida e os seus arreios nos alforjes; não podia deixá-las nas mãos dos Templários mesmo no estado em que se encontravam, e havia sempre a possibilidade de a reparar. Pensaria nisso quando chegasse a altura. Arrumou a pistola e as respetivas munições nos alforjes e, demorando todo o tempo que ousava, retirou e verificou se o paraquedas não tinha sido danificado. O paraquedas era algo novo; uma invenção de Leonardo que ainda não tinha sido utilizada em ação. Mas os testes que fizera mais do que provaram o seu potencial. Dobrou cuidadosamente a estrutura em forma de tenda e voltou a colocá-la no seu lugar juntamente com o resto do equipamento, pôs os alforjes sobre o ombro, apertou-os bem e regressou por onde tinha vindo, passando pelos guardas adormecidos. Uma vez no exterior, começou a trepar. Detetou uma posição estratégica num torreão altaneiro do forte. Escolheu aquele local porque se via o jardim traseiro de Masyaf, debaixo do qual, se a sua pesquisa da planta do castelo estava correta, os Templários estariam a concentrar os seus esforços para localizar a biblioteca do grande Mentor dos Assassinos, Altaïr, que tinha liderado a Irmandade há três séculos. Era a biblioteca lendária dos Assassinos, e a fonte de toda a sua sabedoria e de todo o seu poder, segundo a carta do seu pai.

Agora, Ezio já não tinha quaisquer dúvidas de que a presença dos Templários neste lugar se explicava pela tentativa de tentar encontrá-la.

Num canto da parede exterior do torreão, numa posição superior ao jardim, havia uma grande estátua de pedra representando uma águia de asas fechadas, mas com uma aparência tão real que parecia prestes a levantar voo para atacar uma presa insuspeita. Testou a resistência da estátua. Abatendo todo o seu peso sobre ela, abanava muito ligeiramente quando lhe aplicava pressão.

Perfeito.

Ezio colocou-se sobre a águia e instalou-se para lá passar o resto da noite, sabendo que nada sucederia antes da aurora. Se não aproveitasse agora para descansar, não conseguiria agir com eficiência quando chegasse o momento. Os Templários até podiam vê-lo como uma espécie de ente demoníaco, mas ele sabia bem que era só um homem como qualquer outro.

Não obstante, uma dúvida assolou-o antes de descansar, levando-o a examinar o jardim lá em baixo. Não havia sinais de quaisquer escavações. Será que estava enganado?

Evocando as lições que tinha aprendido e os poderes que tinha desenvolvido nos treinos, focalizou os olhos para que assumissem o poder de uma águia, e examinou o solo por baixo dele minuciosamente. Concentrando-se ao máximo, conseguiu finalmente discernir uma luz difusa emanando de uma secção do chão de mosaico de um caramanchão, outrora ornamental, agora coberto de erva, imediatamente por baixo dele. Satisfeito, sorriu e descontraiu-se. O mosaico retratava a deusa Minerva.

O sol mal tinha tocado nas ameias a leste quando Ezio, reanimado pelo curto sono e já de atalaia, se agachou na águia de pedra, sabendo que o momento tinha chegado. Também sabia que tinha de agir depressa: cada momento ali passado aumentava o risco de ser detetado. Os Templários ainda não teriam desistido de o encontrar, e deviam estar inflamados de ódio — a sua fuga, quando estavam tão perto de o entregar às mãos da morte, tê-los-ia deixado a gritar por vingança.

Ezio calculou distâncias e ângulos e, quando ficou satisfeito, encostou a bota à águia de pedra e empurrou a estátua para baixo. Ela balançou no seu pedestal e depois tombou pelo parapeito, caindo no chão de mosaico lá em baixo. Ezio observou-a durante um mero segundo apenas para confirmar a sua rota antes de se deixar cair pelo ar depois de executar um Salto de Fé. Já tinha passado algum tempo desde que executara um, pelo que sentia a velha excitação a regressar. E assim caíam, primeiro a águia, e depois Ezio, na mesma trajetória, cinco metros acima. Na direção daquilo que parecia ser chão sólido.

Ezio nem sequer tinha tempo para rezar para que não tivesse come-

tido um erro. Se tivesse cometido um erro, o tempo para rezar — ou para outra coisa qualquer — depressa terminaria.

A águia aterrou primeiro, no centro do mosaico.

Por uma fração de segundo, parecia que a águia se tinha despedaçado, mas era o mosaico que se quebrava, revelando uma ampla abertura que se afundava na terra, através da qual a águia e Ezio caíram. Foi imediatamente apanhado por uma queda de água que escorria num ângulo de quarenta e cinco graus pelo solo adentro. Deslizou por ela abaixo, com os pés à frente e controlando o curso com os braços, ouvindo a águia de pedra a estrondear à sua frente até que, com um poderoso estrondo, caiu numa grande bacia subterrânea. Seguiu-se Ezio.

Quando veio à tona, verificou que a bacia estava no centro de uma espécie de antecâmara enorme. Uma antecâmara porque a sua arquitetura chamava a atenção para uma porta. Uma porta de pedra verde-escura polida pelo tempo.

Ezio não estava sozinho. Um grupo de cinco Templários na margem de granito do lago perto da porta tinha-se virado ao ver e ouvir a intrusão, e estavam à espera dele, gritando, de espadas em riste. Com eles estava um homem com trajes de operário, com um avental de pano poeirento à cintura e uma sacola de couro com ferramentas pendurada no cinto. Parecia ser um pedreiro. Tinha um martelo e um grande escopro para pedra nas mãos e olhava boquiaberto.

Ezio subiu até à margem enquanto os guardas Templários corriam em frente para fazer chover golpes sobre ele, mas ele rechaçou-os o tempo suficiente para se pôr de pé.

Sentiu uma vez mais o medo deles, e tirou vantagem da hesitação momentânea para ser o primeiro a atacar. Desembainhou a cimitarra com a mão direita e acionou a lâmina oculta na sua mão esquerda. Com dois golpes ágeis para a direita e para a esquerda, derrubou o homem que estava mais próximo. Os outros cercaram-no, fora do alcance da espada, revezando-se para o tentar atingir, como víboras, esperando desorientá-lo. Mas os seus esforços não eram demasiado concertados. Ezio conseguiu empurrar um deles com o ombro para dentro da água. Afundou-se quase de imediato, com as negras águas a calarem a sua angustiante exortação de ajuda. Sempre a andar à roda e mantendo-se agachado, Ezio arremessou um quarto homem por cima do ombro para o chão de granito. O elmo dele voou e o crânio rachou-se com um som similar ao de um tiro de pistola contra uma pedra dura.

O sobrevivente, um cabo Templário, grunhiu uma ordem desesperada ao operário mas este, demasiado petrificado para se mexer, não obedeceu. Depois, vendo Ezio virar-se para ele, o cabo recuou, babando-se, até

que a parede atrás dele deteve a sua retirada. Ezio aproximou-se, pretendendo simplesmente deixar o Templário inconsciente. O cabo, que tinha estado à espera do momento certo, tentou um golpe traiçoeiro com uma adaga dirigido à virilha de Ezio. Ezio desviou-se e agarrou o homem pelo ombro, junto à garganta.

— Terias sido poupado, amigo. Mas não me deixas outra opção. — Com um golpe da sua cimitarra afiada, Ezio decapitou o homem. — *Requiescat in Pace* — disse em voz baixa.

Depois dirigiu-se ao pedreiro.

O homem tinha aproximadamente a idade de Ezio, mas estava a ficar gordo e não estava na melhor forma física. De momento, tremia como uma faia de tamanho invulgar.

— Não me mate, senhor! — implorou o homem, encolhendo-se. — Sou um trabalhador, nada mais. Sou um zé-ninguém com uma família para cuidar.

— Tens nome?

— Adad, senhor.

— Que tipo de trabalho fazes para esta gente? — Ezio dobrou-se para limpar as lâminas na túnica do cabo morto e voltou a embainhá-las. Adad ficou um pouco mais calmo. Ainda tinha o martelo e o escopro nas mãos, e Ezio mantinha-o debaixo de olho só para prevenir, mas o pedreiro parecia ter-se esquecido que os tinha nas mãos.

— Faço sobretudo escavações. É um trabalho difícil e miserável, senhor. Levei quase um ano só para descobrir esta câmara. — Adad tentou decifrar a expressão na face de Ezio, mas se estava à procura de compaixão, não a encontrou. Depois de um momento de silêncio, prosseguiu:

— Há três meses que tento abrir esta porta.

Ezio distanciou-se do homem e examinou a porta.

— Não fizeste grandes progressos — comentou.

— Nem sequer fiz um entalhe! Esta pedra é mais dura do que aço.

Ezio passou com uma mão pela pedra lisa como vidro. A seriedade na sua expressão aprofundou-se.

— Duvido que alguma vez o faças. Esta porta guarda objetos mais valiosos do que todo o ouro no mundo.

Agora que a ameaça da morte iminente tinha passado, os olhos do homem brilharam involuntariamente.

— Ah! Quer dizer. . . pedras preciosas?

Ezio olhou para ele com ar de gozo. Depois concentrou novamente o seu olhar na porta e examinou-a rigorosamente.

— Há aqui buracos de fechadura. Cinco deles. Onde estão as chaves?

— Eles pouco me dizem. Mas sei que os Templários encontraram uma por baixo do palácio do sultão otomano. Quanto às outras, suponho que o livrinho deles o revele.

Ezio olhou para ele com intensidade.

— O palácio do sultão Bayezid? E que livro é esse?

O pedreiro encolheu os ombros.

— Penso que é uma espécie de diário. Aquele capitão feio, o que tem uma cicatriz na cara, leva-o consigo para todo o lado.

Os olhos de Ezio estreitaram-se. Pensava com rapidez. Depois pareceu relaxar e, sacando de uma pequena bolsa de linho da sua túnica, atirou-a a Adad. Chocalhava quando o homem a agarrou.

— Vai para casa — disse Ezio. — Encontra outro trabalho, com homens mais honestos.

Adad parecia satisfeito, mas depois duvidoso.

— Nem sabe o quanto eu gostaria disso. Adoraria sair deste lugar. Mas estes homens... matam-me se tentar.

Ezio virou-se ligeiramente para trás e olhou para a queda de água. Um fino raio de luz descia por ela. Virou-se novamente para o pedreiro.

— Arruma as tuas ferramentas — disse. — Já não terás nada a temer.

Limitando-se às escadarias e corredores menos frequentados do castelo, Ezio chegou às ameias mais altas sem ser visto, o seu bafo materializando-se no ar frio. Contornou-as até chegar a um local de onde via a aldeia de Masyaf encolhendo-se sob a sombra do castelo. Sabia que não tinha possibilidade nenhuma de sair do castelo através de qualquer um dos dois portões fortemente vigiados, mas tinha de encontrar o capitão de cabeça rapada e cicatriz. Calculou que o homem estivesse no exterior, supervisionando as buscas pelo Assassino que fugira. Devia haver Templários a esquadriñar os campos circundantes, o que explicaria a ausência relativa de homens nos confins da fortaleza. Em qualquer caso, Ezio sabia que o próximo passo da sua missão estava além das paredes de Masyaf, mas primeiro teria de encontrar uma saída.

Com vista sobre a aldeia desobstruída, via guardas Templários a fazer as suas rusgas, interrogando os habitantes. Assegurando-se de que o Sol estava nas suas costas, impedindo assim a sua deteção de alguém lá em baixo, desatou os alforjes e retirou o paraquedas, desdobrou-o e levantou com a maior rapidez que conseguiu, visto que a sua vida dependeria disso. A distância era demasiada mesmo para o mais arrojado dos Saltos de Fé.

O paraquedas tomou a forma de uma tenda triangular, ou de uma pirâmide de seda resistente, presa por braçadeiras de aço fino. Ezio prendeu as cordas provenientes de cada um dos seus quatro cantos a um arnês que poderia desprender rapidamente e que apertou em torno do peito; depois, parando para medir a velocidade do vento e para se assegurar de que ninguém lá em baixo estava a olhar para cima, saltou para o ar.

Teria sido um momento extremamente excitante se tivesse tido o tempo de o apreciar, mas ele concentrou-se em controlar o aparelho, usando as correntes de convecção e as correntes térmicas o melhor que conseguia, imitando uma águia, e aterrou com segurança a cerca de uma dúzia de

metros do edifício mais próximo. Embalando rapidamente o paraquedas, dirigiu-se à aldeia.

Como tinha calculado, os Templários estavam ocupados a molestar os aldeões, empurrando-os e espancando-os sem misericórdia se mostrassem o mínimo sinal de hesitação ou de confusão. Ezio misturou-se com as pessoas da aldeia, ouvindo e observando.

Um velhote implorava misericórdia enquanto um patife Templário enchia o peito perante a sua forma encolhida.

— Ajudem-me, por favor! — rogava ele a quem quisesse atender, mas ninguém o fez.

— Fala, cão! — gritou o Templário. — Onde está ele?

Noutro sítio, um homem mais novo estava a ser espancado por dois rufiões, mesmo enquanto implorava para que parassem. Outro gritava:

— Estou inocente! — enquanto era derrubado com uma clava.

— Onde é que ele está escondido? — perguntavam rispidamente os seus atacantes.

Não eram só os homens que eram expostos a esta crueldade. Dois outros Templários cobardes seguravam uma mulher enquanto um terceiro a pontapeava impiedosamente, reprimindo os gritos dela enquanto se contorcia no chão, suplicando, lamentosa, para que parassem.

— Não sei de nada! Perdoem-me, por favor!

— Tragam o Assassino até nós e não serão mais molestados — escarneceu o algoz, aproximando a sua face da dela. — De outro modo...

Ezio observava a cena condoído, mas forçou-se a concentrar a atenção na sua busca pelo capitão. Chegou ao portão principal da aldeia mesmo a tempo de encontrar o objeto da sua busca, montando uma carroça puxada por cavalos. O capitão estava com tanta pressa de partir que atirou o condutor para o chão.

— Sai da minha frente! — berrou. — *Fíye apó brostá mou!* — Segurando as rédeas, o capitão olhou ao seu redor para as tropas. — Nenhum de vocês sai daqui até o Assassino estar morto — rosnou. — Estão a perceber?! Encontrem-no!

Ezio registou o facto de ele ter estado a falar grego. Antes, Ezio tinha ouvido sobretudo italiano e árabe. Seria possível que o capitão deste grupo de Templários fosse bizantino? Um descendente dos que foram forçados ao exílio quando Constantinopla caiu pela espada do sultão Maomé há sessenta e cinco anos? Ezio sabia que os exilados se tinham estabelecido mais tarde no Peloponeso, mas mesmo depois de terem sido expulsos de lá pelos otomanos triunfantes, havia grupos deles a viver na Ásia Menor e no Médio Oriente.

Avançou para campo aberto.

Os soldados olharam nervosamente para ele.

— Senhor! — disse um dos sargentos mais ousados. — Parece que ele nos encontrou a nós.

Em resposta, o capitão retirou o chicote do seu encaixe junto ao assento do condutor, e chicoteou os cavalos, gritando:

— Vão! Vão! — Ao ver isto, Ezio disparou a correr. As tropas Templárias tentaram impedi-lo mas, desembainhando a cimitarra, abriu caminho impacientemente por entre eles. Mergulhando para alcançar a carroça que se afastava rapidamente, não a alcançou por muito pouco, mas conseguiu segurar-se a uma corda caída. A carroça abrandou momentaneamente, depois seguiu em frente, arrastando Ezio atrás de si.

Dolorosamente, Ezio começou a subir para a carroça, mão ante mão, enquanto ouvia o som de cascos retumbantes. Um par de soldados tinha montado cavalos e estavam a morder-lhe os calcanhares, de espada em riste, tentando aproximar-se o suficiente para o abater. Enquanto cavalgavam, gritavam avisos para o capitão, que chicoteou os cavalos até estes galoparem ainda mais furiosamente. Entretanto, outra carroça mais leve juntara-se à perseguição, e estava a aproximar-se rapidamente.

Debatendo-se com o terreno irregular, Ezio continuava a puxar a corda. Estava a meio metro da traseira da carroça quando os dois cavaleiros atrás de si se aproximaram. Inclinou a cabeça, à espera de um golpe, mas os cavaleiros tinham sido demasiado precipitados, concentrando-se mais na sua presa do que na sua condução. As suas montadas colidiram violentamente aos calcanhares de Ezio e caíram num pandemónio de cavalos relinchantes, amaldiçoando os cavaleiros e o pó.

Esforçando-se até ao limite, Ezio forçou os seus braços dormentes a um último esforço. Arfando pesadamente, arrastou mais do que puxou o seu último pé para cima da carroça, onde se deteve, inerte, por um momento, com a cabeça à roda, recuperando o fôlego.

Entretanto, a segunda carroça tinha-se colocado ao lado da primeira, e o capitão fazia sinais frenéticos para que se aproximassem. Logo que o fizeram, o capitão saltou da sua carroça para a deles, empurrando o condutor do seu lugar. Com um grito, o homem caiu no chão, projetado do veículo que acelerava, batendo numa rocha e ricocheteando com um baque apavorante, antes de se estender, inerte, com a cabeça contorcida num ângulo anormal.

Tomando as rédeas dos cavalos galopantes, o capitão afastou-se para longe. Ezio, por sua vez, arrastou-se até à frente da carroça e tomou as rédeas para estabilizar a sua própria parelha. Os dois cavalos, a espumar da boca e com os olhos esbugalhados, o sangue acumulando-se nos freios colocados nas suas bocas, continuaram, ainda assim, a galopar, e Ezio continuou em perseguição. Ao aperceber-se desse facto, o capitão curvou na direção de

um velho portão aberto, suportado por colunas de tijolo erodidas, num dos lados da estrada. Conseguiu tocar de raspão num deles sem ter de abrandar, fazendo a coluna ruir numa pilha de destroços diretamente à frente de Ezio. Ezio puxou as rédeas, fazendo a parelha virar à direita mesmo a tempo de os evitar, e a sua carroça saiu aos solavancos da estrada, parando junto a umas moitas na berma. Debateu-se com os cavalos para os colocar de novo no caminho certo. Pó e pequenas pedras voavam por todo o lado, fazendo cortes nas bochechas de Ezio, obrigando-o a cerrar os olhos para os proteger e manter-se focado na sua presa.

— Vai para o diabo, amaldiçoado sejas! — guinchou o capitão por cima do ombro. E agora Ezio podia ver os soldados que se seguravam com precariedade na traseira da outra carroça a prepararem granadas para lhe arremessarem.

Aos ziguezagues para evitar as explosões que se faziam ouvir nos seus flancos e atrás de si, Ezio lutou arduamente para manter o controlo sobre a sua parelha aterrada e, por esta altura, já em debandada. Mas as bombas falharam o alvo, e ele continuou a perseguição.

O capitão tentou uma abordagem diferente, e também perigosa.

Abrandou subitamente de modo a ficar ao lado de Ezio sem que este pudesse fazer uma contramanobra para o evitar. De imediato, o capitão fez a parelha guinar de modo a que a sua carroça embatesse de lado na de Ezio.

Ezio viu o branco dos olhos esgazeados do capitão e a cicatriz lívida que atravessava a sua cara enquanto se entreolhavam pelo turbilhão.

— Morre, sacana! — gritou o capitão.

Depois olhou para a frente. Ezio seguiu-lhe o olhar e viu à sua frente uma torre de vigia e, depois dela, outra aldeia. Esta aldeia era maior que a de Masyaf, e estava parcialmente fortificada. Uma fortificação periférica dos Templários.

O capitão conseguiu persuadir os seus cavalos a um último esforço de aceleração e, enquanto se afastava com um urro triunfante, os seus homens arremessaram mais duas bombas. Desta vez uma delas explodiu por baixo da roda esquerda da carroça de Ezio. A explosão fez com que ela voasse pelos ares. Ezio foi projetado enquanto os seus cavalos faziam sons semelhantes a harpias e mergulharam nas moitas, arrastando consigo o que sobrava da carroça despedaçada. Havia um declive acentuado do lado direito da estrada, e Ezio caiu num canal com cerca de seis metros de profundidade onde havia uma grande quantidade de arbustos espinhosos que lhe ampararam a queda e o esconderam.

Ezio ouviu vozes à distância, como se estivesse no meio de uma espécie de sonho. Pensou ver o jovem de branco outra vez, mas não tinha a certeza. Não o ajudava ou prejudicava, mas parecia estar sempre a seu lado. Outros vieram e partiram: os seus há muito falecidos irmãos, Frederico e Petruccio; Cláudia; o seu pai e a sua mãe; e — sem ser convidada ou desejada — a face bela e cruel de Catarina Sforza.

As visões dissiparam-se, mas as vozes permaneceram, agora mais distintas, enquanto recuperava os restantes sentidos. Sentia o sabor da sujidade na boca e o cheiro da terra contra a qual a sua bochecha estava encostada. As dores e aflições do seu corpo também regressaram. Julgou que nunca mais se conseguiria mover novamente.

As vozes eram indistintas e vinham de cima. Imaginou que fossem os Templários inclinando-se pela berma da pequena escarpa onde ele caíra, mas apercebeu-se de que não o conseguiam ver. Os densos arbustos deviam estar a esconder o corpo dele. Quando desaparecera de vista, os Templários organizaram uma equipa de busca. Mais tarde, para grande irritação do capitão, regressaram sem nada de relevante a comunicar.

Esperou por um momento, até que as vozes recuaram e se fez silêncio. Então, tentou fletir as mãos e os pés e, em jeito de agradecimento, deu uma palmada no chão. Não parecia ter partido nada. Lenta e dolorosamente, arrastou-se para fora dos arbustos e pôs-se em pé. Depois, cautelosamente e mantendo-se tão abrigado quanto podia, trepou de volta à escada.

Foi mesmo a tempo de ver o capitão Templário a atravessar o portão das muralhas da aldeia fortificada a um par de centenas de metros de distância. Mantendo-se à berma da estrada onde cresciam arbustos e onde se podia esconder, sacudiu as roupas e começou a caminhar em direção à aldeia, mas parecia que todos os músculos no seu corpo protestavam.

— Isto costumava ser tão fácil — murmurou para si mesmo pesaro-

samente. Mas forçou-se a continuar em frente e, contornando as muralhas, encontrou um local propício para escalar.

Colocando a cabeça sobre o parapeito para confirmar que não estava a ser observado, transpôs o muro para dentro da vila. Deu por si no curral, vazio à exceção de um par de bezerros que se encolheram a um canto, olhando para ele com prudência. Esperou para ver se havia cães, mas passado um minuto, atravessou o postigo do curral e, ouvindo o barulho de vozes exaltadas, abriu caminho na direção delas através da aldeia aparentemente deserta. Ao aproximar-se da praça central da aldeia, avistou o capitão, e escondeu-se atrás de uma barraca. O capitão, que estava no topo de uma torre baixa num dos cantos da praça, repreendia dois sargentos infelizes. À frente deles estavam reunidos, em silêncio, os aldeões. As palavras do capitão eram intermitentes devido ao chapinhar de um moinho de água do outro lado da praça, alimentado pelo regato que atravessava a aldeia.

— Parece que sou o único aqui que sabe como conduzir um cavalo — dizia o capitão. — Até termos a certeza de que ele está realmente morto desta vez, ordeno-vos que não baixem a guarda nem sequer por um momento. Compreendem?

— Sim, senhor — responderam os homens, carrancudos.

— Quantas vezes falharam em matar aquele homem, hem? — prosseguiu o capitão, furioso. — Oiçam e oiçam bem: se a cabeça dele não estiver a rolar pelo chão dentro de uma hora, a tua vai substituí-la!

O capitão calou-se e, virando-se, olhou para a estrada da sua perspectiva altaneira. Ezio viu que ele estava nervoso. Passava com o dedo pela alavanca que armava a sua besta.

Ezio misturou-se o melhor que pôde entre a multidão de aldeões durante o discurso do capitão, o que, dada a sua aparência abatida e pisoteada, não era difícil. Mas a multidão estava a dispersar-se para regressar ao trabalho. A disposição entre o povo era de nervosismo, e quando um homem à sua frente subitamente tropeçou, abalroando outro, o segundo virou-se para ele, irritado, vociferando:

— Ei, sai-me da frente; toca a andar!

O distúrbio chamou a atenção do capitão, que perscrutou a multidão e o seu olhar apanhou o de Ezio de relance.

— Tu! — gritou. Um momento depois armou a besta, colocou uma seta e disparou.

Ezio desviou-se com agilidade, e a seta passou por ele, enterrando-se no braço do homem que tinha vociferado.

— Ai! — ganiu o homem, agarrando-se ao seu bíceps desfeito.

Ezio procurou abrigo enquanto o capitão recarregava.

— Não sairás vivo deste lugar! — berrou o capitão, disparando outra vez. Desta vez, a seta espetou-se inofensivamente no caixilho de uma porta de madeira atrás da qual Ezio se tinha abrigado. Mas havia muito pouco de errado na pontaria do capitão. Até agora, Ezio tinha tido sorte. Tinha de se distanciar, e depressa. Mais duas setas passaram por ele com um assobio.

— Não há saída! — clamava o capitão. — Mais vale virares-te e enfrentar-me, seu cão velho e miserável. — Disparou novamente.

Ezio susteve a respiração e saltou para o lintel de outra porta, balançando para cima de modo a conseguir subir para o telhado raso de barro de uma habitação. Atravessou-o enquanto mais uma seta passava a assobiar pela sua orelha.

— Defende-te e morre — berrou o capitão. — Chegou a tua hora, e deves aceitar isso, mesmo que seja longe do teu miserável canil em Roma! Vem ao encontro do teu carrasco!

Ezio viu soldados a correr para a parte de trás da aldeia, para lhe cortar a retirada. Mas deixaram o capitão isolado, à exceção dos seus dois sargentos, e a sua aljava de setas estava vazia.

O aldeões tinham-se dispersado há muito e haviam desaparecido.

Ezio agachou-se por detrás de um muro baixo que contornava o telhado, tirou as bolsas das suas costas, e colocou o arnês da pistola no seu punho direito.

— Porque não desistes?! — gritava-lhe o capitão, desembainhando a espada.

Ezio levantou-se.

— Nunca aprendi a fazê-lo — disse em resposta, numa voz alta e clara, enquanto apontava a pistola.

O capitão olhou para a pistola com pânico e medo momentâneos.

— Saiam do meu caminho! — berrou para os seus criados, afastando-os para o lado e saltando da torre para o chão. Ezio disparou e apanhou-o a meio do salto, com a bala a ir enterrar-se no joelho esquerdo. Com um uivo de dor, o capitão tombou no chão e bateu com a cabeça numa pedra afiada, ficando enrolado no solo. Os sargentos fugiram.

Ezio atravessou a praça deserta. Nenhum soldado regressou. Ou o medo que tinham de Ezio os persuadira finalmente de que ele era um ser sobrenatural, ou o amor que sentiam pelo seu capitão não era lá muito grande. Nada se ouvia a não ser o chapinhar regular do moinho de água e os lamentos agonizantes do capitão.

O capitão olhou para Ezio enquanto este se aproximava.

— Ah, raios — disse ele. — Bem, do que é que estás à espera? Vá lá, mata-me!

— Tens algo de que preciso — disse calmamente Ezio, recarregando a arma de modo a que ambas as câmaras estivessem carregadas. O capitão olhava fixamente para a pistola.

— Vejo que o velho rafeiro ainda morde — disse ele, entre dentes. O sangue escorria-lhe pelo joelho e pela ferida mais grave na têmpora esquerda.

— O livro que trazes contigo. Onde está?

O capitão lançou-lhe um olhar astuto.

— Referes-te ao velho diário de Nicolau Polo? Sabes da sua existência? Surpreendes-me, Assassino.

— Sou cheio de surpresas — retorquiu Ezio. — Entrega-mo.

Vendo que não valia a pena resistir, o capitão, resmungando, sacou de um velho livro com capa de couro de quinze por trinta centímetros do seu justilho. A mão tremia-lhe e ele deixou-o cair por terra. O capitão olhou para ele, com uma gargalhada que morreu gorgolejante na sua garganta.

— Toma — disse. — Desvendámos todos os seus segredos e já encontrámos a primeira das cinco chaves. Quando tivermos as restantes, o grande templo e todo o poder lá contido serão nossos.

Ezio olhou para ele com compaixão.

— Estás enganado, soldado. Não há qualquer templo antigo em Masyaf. Apenas uma biblioteca cheia de sabedoria.

O capitão olhou para ele.

— Altaïr, o teu antepassado, teve a Maçã do Éden sob a sua alçada durante mais de sessenta anos, Ezio. Ele ganhou muito mais do que aquilo que chamas de sabedoria. Ele aprendeu... tudo!

Ezio refletiu fugazmente sobre aquilo. Sabia que a Maçã estava enterrada em segurança na cripta de uma igreja em Roma; ele e Maquiavel tinham-se assegurado disso. Mas a sua atenção foi novamente chamada de volta ao capitão. O sangue tinha escorrido pela sua perna durante toda a conversa. Agora o homem tinha a tez pálida dos moribundos. Curiosamente, uma expressão de paz veio-lhe à cara e ele deitou-se, deixando escapar um último, enorme e prolongado suspiro.

Ezio observou-o por um momento.

— Foste um verdadeiro sacana — disse ele. — Mas, apesar disso, *Requiescat in Pace*. — Inclinou-se para a frente e, com gentileza, fechou os olhos do homem com a mão enluvada.

O moinho de água continuava a rodar. Para além disso, tudo estava silencioso.

Ezio apanhou o livro do chão e manuseou-o. Viu um símbolo em relevo na capa, com a tinta dourada há muito esbatida. O emblema da Irmandade dos Assassinos. Sorrindo ligeiramente, abriu-o na primeira página.

A CRUZADA SECRETA
Nicolau Polo
MASYAF, junho, MCCLVII
COSTANTINOPLA, janeiro, MCCLVIII

Enquanto lia, Ezio sustinha a respiração. *Constantinopla*, pensou ele.
É claro...

Abrisa tornou-se mais fresca, e Ezio olhou para o livro de Nicolau Polo aberto no seu colo, enquanto se sentava debaixo de um toldo no convés da popa de uma enorme bagala de casco largo que cortava a água azul-clara do Mar Branco, com as velas latinas e a bujarrona alinhadas de modo a tirar toda a vantagem do vento favorável.

A longa viagem desde Latakia, na costa síria, levara-o primeiro de volta ao Chipre. O porto seguinte fora Rodes, onde a sua atenção se concentrara na chegada de um novo passageiro, uma linda mulher de talvez trinta anos envergando um vestido verde que combinava na perfeição com o seu cabelo dourado-acobreado. Depois atravessaram o norte do Dodecaneso até aos Dardanelos e, por fim, tinham chegado ao Mar de Mármara.

A viagem aproximava-se agora do seu destino. Os marinheiros falavam uns com os outros em voz alta e os passageiros alinharam-se pela borda do navio para ver, a uma milha de distância, brilhando no sol ardente, a grande cidade de Constantinopla a erguer-se a bombordo.

Ezio tentava identificar partes da cidade no mapa que tinha comprado no porto sírio antes de embarcar. Perto dele estava um jovem vestido com roupas caras, provavelmente um adolescente otomano, mas também claramente familiarizado com a cidade, com quem Ezio estabeleceu uma relação através de cumprimentos gestuais. O jovem estava ocupado a manusear um astrolábio de marinheiro, fazendo medições e anotando informação num caderno com capa de marfim que pendia num cordão preso ao seu cinto.

— Onde fica aquilo? — disse Ezio, apontando. Queria saber o máximo possível acerca do lugar antes de chegar a terra. As notícias da sua fuga não deviam preceder-lhe por muito e ele precisava de agir rapidamente.

— É o quarteirão de Bayezid. A grande mesquita que vê foi construída pelo sultão há cerca de cinco anos. E para além dela pode-se ver os telhados do Grande Bazar.

— Estou a vê-lo — disse Ezio com os olhos semicerrados devido ao Sol, desejando que Leonardo tivesse tido tempo de fabricar aquele instrumento de que estava sempre a falar — uma espécie de tubo extensível com lentes — que faria ver mais perto as coisas à distância.

— Tenha cuidado com a sua bolsa quando visitar o Bazar — avisou o jovem. — Lá há gente de todos os géneros.

— Como em qualquer *souk*.

— *Evet* — gracejou o jovem. — Ali, onde estão aquelas torres, é o Bairro Imperial. A cúpula cinzenta que é visível pertence à velha igreja de Hagia Sofia. Agora é uma mesquita, claro. Por detrás, está um edifício amarelo baixo e comprido — é mais um complexo de edifícios — com duas cúpulas baixas juntas e um pináculo. É o Topkapi Sarayi. Um dos primeiros edifícios erigidos depois da conquista, e ainda estamos a trabalhar nele.

— É a residência oficial do sultão Bayezid?

A expressão do jovem ficou mais séria.

— Deveria ser, mas não é. Não de momento.

— Tenho de a visitar.

— Primeiro é melhor assegurar-se de que tem um convite!

A brisa abrandou e as velas ondularam. Os marinheiros enrolaram a bujarrona. O comandante fez o barco curvar ligeiramente, revelando outros detalhes da cidade.

— Vê aquela mesquita ali? — continuou o jovem, como se ansioso por desviar a conversa do palácio de Topkapi. — É o Fatih Camii: a primeira coisa que o sultão Maomé construiu para celebrar a sua vitória sobre os Bizantinos. Não que restassem muitos quando aqui chegou. O império deles já estava morto há muito tempo. Mas ele queria que a sua mesquita ultrapassasse a Hagia Sofia. Como pode ver, não o conseguiu.

— Não foi por não tentar — disse Ezio, com diplomacia, enquanto os seus olhos contemplavam o magnífico edifício.

— Maomé ficou irritado — continuou o jovem. — A história diz que mandou cortar o braço do arquiteto como castigo. Mas claro que isso é só uma lenda. Sinan era um arquiteto demasiado bom para que Maomé quisesse mutilá-lo.

— Referiu que o sultão não se encontra na sua residência — insistiu Ezio com gentileza.

— Bayezid? Não. — A expressão séria do jovem regressou. — O sultão é um grande homem, embora o fogo da sua juventude tenha sido substituído por tranquilidade e devoção. Mas, enfim, está às avessas com um dos seus filhos, Selim, e isso resultou numa guerra entre eles que tem vindo a fermentar há muitos anos.

A bagala navegava ao longo dos muros a sul da cidade, virando a nor-

te para o Mar Bósforo. Pouco depois, abriu-se uma grande ria a bombordo, e o barco dirigiu-se para lá, passando por uma grande corrente que pendia através da sua entrada. De momento estava em baixo, mas podia ser levantada de modo a encerrar o porto em tempos de emergência ou de guerra.

— A corrente foi vogada ao desuso desde a conquista — observou o jovem. — Afinal de contas, não deteve Maomé.

— Mas é uma medida de segurança útil — retorquiu Ezio.

— Chamamos-lhe o *Haliç* — disse o jovem. — O Corno de Ouro. E ali, no lado norte, fica a Torre de Gálata. Os seus compatriotas genoveses construíram-na há cerca de cento e cinquenta anos. Mas chamavam-lhe *Christea Turris*. Faz sentido, não é? O senhor é de Génova?

— Sou florentino.

— Ah, bom, não há nada a fazer quanto a isso.

— É uma boa cidade.

— *Affedersiniz*. Não estou suficientemente familiarizado com a vossa parte do mundo. Ainda que muitos dos seus compatriotas ainda vivam cá. Há séculos que existem italianos por aqui. O famoso Marco Polo, por exemplo; o pai, Nicolau, fazia comércio aqui há duzentos anos, com o irmão. — O jovem sorriu ao ver a cara de Ezio. Depois centrou a sua atenção na Torre de Gálata. — Deve haver um meio de chegar lá a cima. Os seguranças podem ser persuadidos. A cidade vista lá de cima é esplendorosa.

— Isso seria... muito interessante.

O jovem olhou para ele.

— Provavelmente já ouviu falar de outro seu compatriota famoso, penso que ainda está vivo. Leonardo da Vinci?

— O nome diz-me alguma coisa.

— Há menos de uma década, o *Sayin* da Vinci *bey* foi convidado pelo nosso sultão a construir uma ponte que atravessasse o Corno.

Ezio sorriu, lembrando-se que Leonardo o tinha mencionado por alto. Podia imaginar o entusiasmo do seu amigo por tal projeto.

— O que aconteceu com ela? — perguntou. — Não vejo qualquer ponte.

O jovem abriu os braços.

— Disseram-me que era linda mas, infelizmente, não passou do papel. O sultão julgou que era demasiado ambiciosa.

— *Non mi sorprende* — disse Ezio, entre dentes. Depois apontou para outra torre. — Aquilo é um farol?

O jovem seguiu-lhe o olhar até uma pequena ilha na sua ré.

— Sim. É bastante antigo. Tem onze séculos ou mais. Chamamos-lhe a *Kiz Kulesi*; como é o seu turco?

— Fraco.

— Então eu traduzo. Vocês chamar-lhe-iam a Torre da Donzela. Tem esse nome porque a filha de um sultão morreu ali devido à mordedura de uma cobra.

— Porque estava a morar num farol?

O jovem sorriu.

— Pretendia evitar as cobras — disse ele. — Olhe, agora já se consegue ver o Aqueduto de Valens. Está a ver aquelas duas filas de arcadas? Aqueles Romanos sabiam mesmo como construir. Adorava subi-lo, quando era criança.

— É uma escalada e tanto.

— Quase parece que gostaria de tentar!

Ezio sorriu.

— Nunca se sabe — disse ele.

O jovem abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas mudou de ideias e fechou-a novamente. A expressão com que olhava para Ezio não era indelicada. Ezio sabia exatamente o que ele estava a pensar: que ele era um velhote a tentar recuperar a sua juventude.

— De onde veio você? — perguntou Ezio.

O jovem parecia não dar muita importância ao assunto.

— Oh, da Terra Santa — disse ele. — Quer dizer, da *nossa* Terra Santa. Meca e Medina. É suposto que todo o bom muçulmano faça essa viagem pelo menos uma vez durante a vida.

— Foi rápido a tratar disso.

— Pode-se dizer que sim.

Viram a cidade passar em silêncio enquanto subiam o Corno até ao ancoradouro.

— Não há cidade na Europa com um céu como este — disse Ezio.

— Ah, mas deste lado ainda estamos na Europa — replicou o jovem.

— Ali — fez um gesto para leste, para o outro lado do Bósforo, — daquele lado é a Ásia.

— Há fronteiras que nem mesmo os Otomanos podem mover — observou Ezio.

— Muito poucas — retorquiu rapidamente o jovem, e a Ezio pareceu-lhe que estava a ser defensivo. Depois mudou rapidamente de assunto. — Diz que é um italiano de Florença — prosseguiu. — Mas as suas vestes desmentem-no. E, perdoe-me, mas parece que as usa há já muito tempo. A viagem tem sido longa?

— *Sì, da molto tempo*. Parti de Roma há doze meses, em busca de... inspiração. E essa busca trouxe-me até aqui.

O jovem olhou para o livro que Ezio tinha na mão, mas não disse nada. O próprio Ezio não queria revelar mais acerca dos seus propósitos.

Encostou-se na amurada e olhou para as muralhas da cidade, e para os outros barcos de todos os países do mundo que se amontoavam em ancoradouros enquanto a bagala passava paulatinamente por eles.

— Quando eu era criança, o meu pai contou-me histórias da queda de Constantinopla — disse Ezio, por fim. — Aconteceu seis anos antes de eu nascer.

O jovem arrumou cuidadosamente o astrolábio na caixa de couro presa a um cinto à volta do ombro.

— Chamamos-lhe *Kostantiniyye*.

— Não é a mesma coisa?

— Agora pertence-nos. Mas tem razão. *Kostantiniyye*, Bizâncio, *Nea Roma*, a Maçã Vermelha... que diferença faz? Dizem que Maomé queria rebatizá-la de *Islam-bul*: “Onde Cresce o Islão”. Mas essa derivação também é uma lenda. Ainda assim, as pessoas estão a começar a usar este nome. Claro que os mais educados entre nós sabem que deveria ser *Istan-bol*: “Na Cidade”. — O jovem fez uma pausa. — Que histórias contou o seu pai? Cristãos corajosos a serem abatidos por turcos malvados?

— Não. Nada disso.

O jovem suspirou.

— Suponho que a moral de qualquer história depende da disposição do homem que a conta.

Ezio levantou-se. A maior parte dos seus músculos tinham recuperado no decorrer da longa viagem, mas ainda sentia uma dor no flanco.

— Quanto a isso, estamos de acordo — disse.

O jovem sorriu calorosa e genuinamente.

— *Güzel!* Ainda bem! *Kostantiniyye* é uma cidade para todas as raças e para todos os credos. Até para os bizantinos que ficaram para trás. E para estudantes como eu, ou... viajantes como vós.

A conversa foi interrompida por um jovem casal selêucida, que passeava pelo convés e passou por eles. Ezio e o jovem calaram-se para escutar a conversa deles; Ezio escutava porque lhe interessava acumular o máximo de informação sobre a cidade.

— O meu pai não consegue lidar com toda esta criminalidade — dizia o marido. — Terá de encerrar a loja se isto piorar.

— Isto vai passar — retorquiu a mulher. — Talvez quando o sultão regressar.

— Ah! — respondeu o homem com ironia. — Bayezid está fraco. Faz vista grossa aos novos-ricos bizantinos e vê no que isso resultou: *kargasha!*

A mulher tentou calá-lo.

— Não devias dizer essas coisas!

— Porquê? Só estou a dizer a verdade. O meu pai é um homem honesto, e os ladrões estão a roubá-lo ao desbarato.

Ezio interrompeu-os.

— Perdão, não pude deixar de vos ouvir.

A mulher olhou para o marido como que dizendo: “Estás a ver?”

Mas o homem virou-se para Ezio e disse:

— *Affedersiniz, efendim*. Vejo que é um viajante. Se ficar na cidade, por favor, visite a loja do meu pai. Os seus tapetes são os melhores do império, e ele far-lhe-á um preço justo. — Fez uma pausa. — O meu pai é um bom homem, mas os ladrões quase lhe destruíram o negócio.

O homem teria revelado mais, mas a mulher arrastou-o apressadamente dali para fora.

Ezio trocou olhares com o seu companheiro, que tinha acabado de aceitar um copo de *sharbat* trazido por aquilo que parecia ser um criado particular.

— Gostaria que lhe trouxessem um? É muito refrescante e ainda vai demorar algum tempo até que atraquemos.

— Isso seria excelente.

O jovem fez um sinal ao seu criado, que se retirou.

Um grupo de soldados otomanos, regressados de uma missão oficial no Dodecaneso, passou por eles a falar acerca da cidade à qual regressava. Ezio cumprimentou-os com um aceno e juntou-se a eles por um momento, enquanto o jovem desviou a cara e se manteve à distância, tirando notas no seu pequeno livro com capa de marfim.

— Gostava de saber: do que é que estes sacanas bizantinos estão à espera? — perguntou um dos soldados. — Já tiveram a sua oportunidade. Quase destruíram esta cidade.

— Quando o sultão Maomé cá chegou, havia menos de quarenta mil pessoas a viver aqui; e a viver na miséria — acrescentou outro.

— *Aynen oyle* — disse um terceiro. — É isso mesmo! E olha agora para a cidade. Trezentos mil habitantes, e a crescer pela primeira vez desde há séculos.

— Tornámos novamente esta cidade numa potência. Reconstruímo-la! — disse o segundo soldado.

— Mas os Bizantinos não o veem assim — disse o primeiro. — Causam problemas sempre que podem.

— Como posso reconhecê-los? — perguntou Ezio.

— Mantenha-se longe de quaisquer mercenários vestidos com trajes vermelhos grosseiros — disse o primeiro soldado. — São bizantinos. E não são nada amistosos.

Os soldados mobilizaram-se quando um suboficial lhes disse para se

prepararem para o desembarque. O jovem amigo de Ezio estava junto ao seu cotovelo. Nesse momento, o seu criado reapareceu com a *sharbat* de Ezio.

— É como vê — disse o jovem. — Com toda a sua beleza, *Kostanti-niyye* não é, afinal, o lugar mais perfeito do mundo.

— Será que algum lugar o é? — retorquiu Ezio.

O barco tinha atracado, e os passageiros e a tripulação deambulavam pelo convés, atropelando-se, enquanto eram atirados cabos de atracação aos homens do cais e se baixavam as pranchas de desembarque.

Ezio regressou à sua cabine para reaver os seus alforges; era tudo o que trazia consigo. Sabia como conseguir aquilo de que precisava quando estivessem em terra. O criado do seu jovem companheiro tinha disposto três malas forradas a couro no convés, e ambos esperaram que os bagageiros as transportassem para terra firme. Ezio e o seu novo amigo prepararam-se para se despedirem um do outro.

O jovem suspirou.

— Tenho tanto trabalho à minha espera... mas, ainda assim, é bom regressar a casa.

— É demasiado jovem para se preocupar com o trabalho, *ragazzo!*

O olhar de Ezio foi distraído pela aparição da mulher ruiva vestida de verde. Estava a debater-se com um grande embrulho que parecia pesado. O jovem seguiu-lhe o olhar.

— Quando eu tinha a sua idade, os meus interesses prendiam-se sobretudo com... com... — Ezio perdeu o fio do discurso, enquanto observava a mulher. O modo como se movimentava no vestido. Ela levantou os olhos e Ezio julgou ter captado a sua atenção. — *Salve* — disse ele.

Mas afinal ela não tinha olhado para ele, e Ezio voltou-se para o seu companheiro, que observara a cena com divertimento.

— Incrível — disse o jovem. — Surpreende-me que tenha feito seja o que fosse.

— Também a minha mãe. — Ezio sorriu-lhe de volta, embora com algum pesar.

Os portões da borda do navio abriram-se finalmente, e a turba expectante de passageiros investiu em frente.

— Foi um verdadeiro prazer conhecê-lo, *beyfendi* — disse o jovem,

fazendo uma vénia a Ezio. — Espero que encontre algo que lhe interesse enquanto aqui está.

— Acredito que o farei.

O jovem foi-se embora, mas Ezio ficou para trás, vendo a mulher a debater-se com o embrulho — que estava relutante em confiar a qualquer bagageiro — enquanto desembarcava. Estava prestes a avançar para lhe oferecer ajuda quando reparou que o jovem se lhe antecipara.

— Posso ajudá-la, minha senhora? — perguntou-lhe.

A mulher olhou para o jovem e sorriu. Ezio julgava que aquele sorriso era mais mortal do que qualquer seta disparada de uma besta. Mas não lhe era dirigido.

— Obrigado, meu caro rapaz — disse ela, e o jovem, afastando o seu criado, colocou pessoalmente o embrulho ao ombro e seguiu-a pelas escadas até ao cais.

— Erudito e cavalheiro — disse Ezio de longe. — É um jovem cheio de surpresas.

O jovem virou-se para trás e sorriu outra vez.

— Muito poucas, meu amigo. Muito poucas. — Levantou uma mão. — *Allaha ismarladik!* Que Deus vos abençoe!

Ezio viu a mulher e o jovem que a seguia serem engolidos pela multidão. Reparou num homem ligeiramente à parte, que olhava para ele. Um homem duro nos seus trinta e muitos, com uma túnica branca cingida por uma cinta vermelha e calças escuras enfiadas numas botas amarelas. Tinha cabelo preto comprido e barba, e quatro facas de arremesso numa bainha presa ao seu ombro esquerdo. Também tinha uma cimitarra e o seu antebraço apresentava uma proteção de três camadas de aço. Ezio retesou-se e examinou mais detalhadamente o homem, e pareceu-lhe ver o mecanismo de uma lâmina oculta por baixo da mão direita. A túnica tinha um capuz, mas o homem não o tinha colocado, e o seu cabelo desgrenhado estava preso por uma fita amarela.

Ezio desceu lentamente da prancha para o cais. E o homem aproximou-se dele. Quando estavam a dois passos um do outro, o homem parou, sorriu reservadamente e fez uma vénia acentuada.

— Bem-vindo, Irmão! A não ser que a lenda seja uma mentira, é aquele que sempre desejei conhecer. Mestre e Mentor de renome: Ezio Auditore da... — Calou-se e a sua fachada de dignidade caiu. — La, la, la! — terminou.

— *Prego?* — Ezio divertia-se.

— Perdoe-me, tenho dificuldades em fazer a minha língua falar italiano.

— Eu sou Ezio da Firenze. A cidade onde nasci.

— Isso faz de mim... Yusuf Tazim *da* Istambul! Gosto disso!
— Istambul. Ah, então é assim que chama a esta cidade.
— É o nome favorito dos locais. Vamos, senhor; deixe-me levar a sua bagagem.

— Não, obrigado.

— Como desejar. Bem-vindo, Mentor! Estou contente por finalmente ter chegado. Vou mostrar-lhe a cidade.

— Como sabia que vinha?

— A sua irmã escreveu de Roma a alertar a Irmandade daqui. E nós soubemos das suas ações por um espião colocado em Masyaf. Por isso vigiamos as docas há semanas na esperança e expectativa da sua chegada. — Yusuf percebeu que Ezio permanecia desconfiado. Assumiu uma expressão interrogativa. — A sua irmã, Cláudia, escreveu, está a ver? Eu sei o nome dela. E posso mostrar-lhe a carta. Tenho-a comigo. Sabia que não era o tipo de homem para aceitar as coisas sem questionar.

— Vejo que tem uma lâmina oculta.

— Quem mais a não ser um membro da Irmandade teria acesso a uma?

Ezio descontraiu-se um pouco. A conduta de Yusuf tornou-se subitamente mais solene.

— Vamos.

Colocou uma mão no ombro de Ezio e guiou-o pela multidão cerrada. Ambos os lados das ruas apinhadas pelas quais o conduziu estavam cheios de tendas que vendiam todo o tipo de produtos sob um caleidoscópio de toldos coloridos, e também cheios, aparentemente, com pessoas de todas as nações e de todas as raças da terra. Cristãos, judeus e muçulmanos estavam atarefados a fazer comércio uns com os outros, pregões turcos misturados com outros em grego, franco e árabe. Quanto ao italiano, Ezio reconheceu as pronúncias de Veneza, Génova e Florença antes de atravessar um quarteirão sequer. E havia outras línguas que reconhecia parcialmente ou apenas podia especular: arménio, búlgaro, sérvio e persa. E uma língua gutural falada por homens altos e de pele clara, que usavam o cabelo ruivo e as barbas longas e soltas, que não reconheceu de todo.

— Bem-vindo ao Bairro de Gálata — rejubilou Yusuf. — Durante séculos, foi o lar de órfãos vindos da Europa e da Ásia. Não encontrará diversidade como esta em mais lugar nenhum da cidade. E por essa mesma razão, nós, os Assassinos, temos aqui o nosso quartel-general.

— Mostre-me.

Yusuf acenou entusiasticamente.

— *Kesinlikle*, Mentor. Imediatamente! A Irmandade está ansiosa por conhecer o homem que mandou os Bórgia irem pastar — gracejou.

— Será que toda a gente na cidade já sabe que estou aqui?

— Enviei um rapaz à frente logo que o vi. E, de qualquer modo, a sua rixa com os Templários na Terra Santa não passou despercebida. Não precisamos do nosso espião para saber disso!

Ezio assumiu uma expressão pensativa.

— Quando parti, a violência estava longe das minhas previsões. Procurava apenas sabedoria. — Olhou para o seu novo lugar-tenente. — O conteúdo da biblioteca de Altair.

Yusuf voltou a rir-se, mas com menos convicção.

— Sem saber que estava selada há mais de dois séculos e meio?

Ezio, por sua vez, também se riu.

— Não. Eu já sabia disso. Mas admito que não esperava encontrar Templários a guardá-la.

Yusuf assumiu uma expressão mais séria. Estavam a chegar às ruas menos frequentadas, por isso abrandaram o passo.

— É muito perturbador. Há cinco anos, a presença Templária aqui era mínima. Só resta uma pequena facção que sonha em restaurar o trono a Bizâncio.

Chegaram a uma pequena praça, e Yusuf puxou Ezio para o lado, apontando para um grupo de quatro homens apinhados num canto escuro. Vestiam armaduras cinzentas baças sobre túnicas e justilhos de lã vermelhos.

— Ali está um grupo deles — disse Yusuf, baixando a voz. — Não olhe na direção deles. — Olhou em volta. — Estão a crescer em número a cada dia que passa. E sabem o que todos nós sabemos, que o sultão Bayezid está de saída. Estão de atalaia, à espera do seu momento. Acredito que planeiam algo de dramático.

— Mas não há herdeiro para o trono otomano? — perguntou Ezio, surpreendido.

— Esse é o problema: há dois. Dois filhos coléricos. É um padrão familiar nesta realeza. Quando o sultão tosse, os príncipes desembainham as espadas.

Ezio ponderou sobre isto, lembrando-se do que o jovem no barco lhe tinha dito. “Entre os Templários e os Otomanos, deve ter com que se haver”, dissera ele.

— Ezio, *efendim*, para ser sincero, mal tenho tempo de polir a minha espada!

Nesse preciso momento, ouviu-se um tiro, e uma bala furou a parede meros centímetros à esquerda da cabeça de Yusuf.

Yusuf mergulhou para trás de uma fileira de barris de especiarias, logo seguido de Ezio.

— Fala-se do diabo e aí está ele! — disse Yusuf, de lábios cerrados, erguendo a cabeça o suficiente para ver o pistoleiro a recarregar a arma do outro lado da praça.

— Parece que ali os nossos amigos bizantinos não gostam muito que olhem fixamente para eles.

— Eu cuido do homem com o mosquete — disse Yusuf, medindo a distância entre ele e o seu alvo enquanto tirava da bainha atrás das costas uma das suas facas de arremesso. Num movimento fluido, arremessou-a e ela atravessou a praça, dando três voltas antes de encontrar o seu alvo, indo enterrar-se na garganta do homem, mesmo quando este se preparava para erguer a arma para mais um disparo. Entretanto, os seus amigos corriam na direção deles, de espada em riste.

— Não há para onde fugir — disse Ezio, desembainhando a sua cimitarra.

— É o seu batismo de fogo — disse Yusuf. — E ainda agora chegou. *Çok üzüldüm.*

— Não há problema — retorquiu Ezio, divertido. Tinha apanhado o suficiente da língua turca para saber que o seu companheiro de armas estava a dizer que lamentava.

Yusuf desembainhou a sua própria espada, e saltaram juntos do seu esconderijo para confrontar o inimigo que se aproximava. Estavam vestidos de um modo mais leve do que os seus três oponentes, o que queria dizer que estavam mais desprotegidos mas mais móveis. Ezio apercebeu-se rapidamente, no momento em que iniciava a contenda com o primeiro bizantino, que estava a enfrentar um lutador altamente treinado.

Yusuf continuou a gracejar enquanto lutavam. Já estava habituado ao seu inimigo, e era uns bons quinze anos mais novo do que Ezio.

— Toda a cidade está ansiosa por lhe dar as boas-vindas; primeiro os regentes, como eu, e agora os ratos!

Ezio concentrou-se no combate. Começou a correr-lhe mal, mas adaptou-se rapidamente com a espada leve e flexível que estava a usar, e descobriu que a sua lâmina curva melhorava incrivelmente o golpe cortante. Por uma ou duas vezes, Yusuf, mantendo o seu Mentor debaixo de olho, gritou instruções úteis mas acabou a olhar para ele de lado com admiração.

— *Inanilmaz!* Um mestre em ação!

No entanto, tinha-se deixado distrair um segundo a mais do que lhe era permitido, e um dos bizantinos conseguiu cortar através do tecido da sua manga esquerda e rasgar-lhe superficialmente o antebraço. Quando recuou involuntariamente, o seu atacante pressionou-o, aproveitando a vantagem, pelo que Ezio empurrou para o lado o seu próprio oponente com violência e foi em socorro do amigo, intrometendo-se entre Yusuf e o bizantino e rechaçando o que teria sido um golpe fatal com a proteção do seu braço esquerdo. Esta manobra desequilibrou o bizantino o suficiente para que Yusuf recuperasse o equilíbrio e, por sua vez, rechaçasse outro mercenário que se aproximava pelas costas de Ezio, aplicando-lhe um golpe mortal ao mesmo tempo que Ezio abatia o segundo homem. O último bizantino, um homem grande com um maxilar similar a uma rocha, hesitou pela primeira vez.

— *Tesekkür ederim* — disse Yusuf, ofegante.

— *Bir sey degil.*

— Será que os seus talentos não têm fim?

— Bom, ao menos aprendi a dizer “obrigado” e “de nada” a bordo da bagala.

— Cuidado!

O enorme bizantino estava a atacá-los, urrando, com uma espada grande numa mão e uma clava na outra.

— Por Alá, pensei que ele fosse fugir — disse Yusuf, dando um passo para o lado e pregando-lhe uma rasteira, de modo a que, com o peso e a força empregues no seu movimento, se abatesse violentamente sobre um dos barris de especiarias, caindo de caras num monte de pó amarelo cheiroso onde jazeu imóvel.

Ezio, depois de olhar em volta, limpou a espada e embainhou-a. Yusuf seguiu-lhe o exemplo.

— A sua técnica é curiosa, Mentor. Mais simulação do que luta. Aparentemente. Mas quando ataca...

— Penso como o mangusto; o meu inimigo é a cobra.

— Que expressão curiosa.

— Faço por isso.

Yusuf olhou novamente em volta.

— É melhor irmos. Acho que foi diversão suficiente por um dia.

Mal as palavras lhe saíram da boca, outro esquadrão de mercenários bizantinos, atraído pelos sons de luta, entrou fervilhante pela praça adentro.

Ezio ficou instantaneamente alerta, sacando novamente da espada.

Mas o outro lado da praça encheu-se de mais tropas, envergando um uniforme diferente; túnicas azuis e chapéus cónicos de feltro escuro.

— Espera, espera! — disse Yusuf quando os recém-chegados se viraram para atacar os mercenários, logo fazendo com que recuassem, perseguindo-os até saírem de vista, para fora da praça.

— Eram tropas otomanas comuns — disse Yusuf em resposta ao olhar questionador de Ezio. — Não eram Janízaros; esses são do regimento de elite, saberás quando os encontrares. Mas todos os soldados otomanos têm um ódio de estimação por estes rufiões bizantinos, e isso joga a favor dos Assassinos.

— Quão grande é a vantagem?

Yusuf estendeu os braços.

— Oh, é uma pequena vantagem. Também o matam se olhar para eles de um modo que considerem inapropriado, tal como os Bizantinos. A diferença é que os Otomanos têm remorsos depois disso.

— Que tocante.

Yusuf sorriu entre dentes.

— Não é assim tão mau. Pela primeira vez em muitas décadas, nós, os Assassinos, temos uma forte presença aqui. Isso nem sempre foi assim. Sob o jugo dos imperadores bizantinos, éramos perseguidos e mortos à vista.

— Conte-me tudo sobre isso — disse Ezio enquanto se dirigiam novamente para o quartel-general da Irmandade.

Yusuf coçou o queixo.

— Bem, o antigo imperador, Constantino, o décimo primeiro com esse nome, só reinou por três anos. O nosso sultão Maomé certificou-se disso. Mas, no fim de contas, Constantino não era assim tão mau. Foi o último imperador romano numa linhagem que pode ser traçada até há um milénio.

— Não estou interessado na lição de História — interrompeu Ezio. — Quero saber qual a situação que enfrentamos.

— Acontece que, pela altura em que Maomé tomou a cidade, pouco restava dela ou do velho império bizantino. Até se dizia que Constantino estava tão falido que teve de substituir as joias nas suas vestes por cópias de vidro.

— O meu coração compadece-se por ele.

— Era um homem corajoso. Recusou-se a oferecer a sua vida em troca da rendição da cidade, e caiu a lutar. Mas a sua bravura não era partilhada por dois dos seus sobrinhos. Um deles está morto há já alguns anos, mas o outro... — Yusuf abstraiu-se, pensativo.

— É nosso adversário?

— Oh, pode apostar nisso. E também é contra os Otomanos. Bem, contra os regentes, pelo menos.

— Onde está ele agora?

Yusuf assumiu uma expressão vaga.

— Quem sabe? Algures no exílio? Mas se ainda está vivo, está a tramar alguma. — Fez uma pausa. — Dizem que a certa altura foi bastante chegado a Rodrigo Bórgia.

Ezio retesou-se ao ouvir o nome.

— O espanhol?

— Esse mesmo. Aquele que finalmente matou.

— Foi o seu filho quem o fez.

— Bem, eles nunca foram exatamente a Sagrada Família, não é verdade?

— Continue.

— Rodrigo também era amigo de um selêucida chamado Cem. Era tudo muito encoberto; até nós, Assassinos, só o soubemos muito mais tarde.

Ezio confirmou com um aceno. Já tinha ouvido histórias acerca daquilo.

— Se bem me lembro, Cem tinha uma faceta de aventureiro.

— Era um dos irmãos do sultão atual, mas tinha o trono debaixo de olho, por isso Bayezid expulsou-o. Acabou sob uma espécie de prisão domiciliária em Itália, e ele e Rodrigo acabaram por se tornar amigos.

— Já me lembro — disse Ezio, retomando a narrativa. — Rodrigo pensou que podia usar as ambições de Cem para tomar Constantinopla para si mesmo. Mas a Irmandade conseguiu assassinar Cem em Cápua há cerca de quinze anos. E isso pôs fim ao plano.

— Não que tenhamos recebido grandes agradecimentos por isso.

— A nossa missão não está idealizada para recebermos agradecimentos.

Yusuf fez uma vénia.

— Entendido, Mentor. Mas tem de admitir que foi um belo golpe.

Ezio permaneceu em silêncio, por isso Yusuf aguardou um momento e continuou.

— Os dois sobrinhos que mencionei eram filhos de outro dos irmãos de Bayezid, Tomas. Também foram exilados juntamente com o pai.

— Porquê?

— Acredita que Tomas também tinha pretensões ao trono otomano? Parece-lhe familiar?

— O nome deles de família não será Bórgia?

Yusuf riu-se.

— É *Palaiologus*. Mas tem razão, é quase a mesma coisa. Depois de Cem ter morrido, ambos os sobrinhos foram viver para a Europa. Um ficou lá, tentando reunir um exército para tomar Constantinopla; falhou, obviamente, e morreu, como eu disse, já há sete ou oito anos sem herdeiros e sem dinheiro. Mas o outro... bem, o outro regressou, renunciou a qualquer ambição imperial, foi perdoado, e até se alistou na marinha durante algum tempo. Depois parece que se habituou a uma vida de luxúria e mulheres.

— Mas agora está desaparecido.

— Sem dúvida que está fora de vista.

— E sabemos o nome dele?

— Ele responde a muitos nomes, mas não temos conseguido encontrá-lo.

— Mas está a conspirar algures.

— Sim. E tem ligações aos Templários.

— Um homem a quem devemos estar atentos.

— Se vier à tona, saberemos.

— Que idade tem ele?

— Dizem que nasceu no ano da conquista de Maomé, pelo que terá apenas uma mão-cheia de anos a mais do que você.

— Então ainda tem alguma genica.

Yusuf olhou para ele.

— Se você servir de exemplo, terá bastante. — Olhou novamente ao seu redor. A caminhada tinha-os levado às profundezas do coração da cidade. — Estamos quase a chegar — disse ele. — Por aqui.

Curvaram novamente para uma rua estreita, obscura, fresca e sombria apesar dos raios de Sol que tentavam, sem sucesso, penetrar o espaço estreito entre os edifícios de ambos os lados. Yusuf parou junto a uma porta pequena e indistinta pintada de verde e pegou no batente de bronze. Bateu ritmadamente um código tão suavemente que Ezio perguntou-se se alguém lá dentro conseguiria ouvir. Mas segundos depois a porta foi aberta por uma rapariga de ombros largos e ancas estreitas com o emblema dos Assassinos estampado na fivela do cinto que cingia a sua túnica.

Ezio deu por si num pátio espaçoso, com trepadeiras verdejantes agarradas às paredes amarelas. Estava reunido um pequeno grupo de homens e mulheres. Olharam para Ezio com reverência quando Yusuf, com um gesto teatral, se virou para ele e disse:

— Mentor, cumprimente a sua família alargada.

Ezio deu um passo em frente.

— *Salute a voi, Assassini*. É uma honra encontrar amigos tão rapida-

mente tão longe de casa. — Horrorizado, apercebeu-se de que estava comovido até às lágrimas. Talvez a tensão das últimas horas o tivesse assoberbado; e ele ainda estava cansado após a sua viagem.

Yusuf dirigiu-se aos seus companheiros da sucursal da Irmandade dos Assassinos de Constantinopla.

— Estão a ver, amigos? O nosso Mentor não receia chorar abertamente à frente dos seus pupilos.

Ezio limpou a face com a mão enluvada e sorriu.

— Não se preocupem, não farei disso um hábito.

— Ainda não passaram mais do que algumas horas desde que o nosso Mentor chegou à cidade e já há novidades — prosseguiu Yusuf, com uma expressão séria. — Fomos atacados no caminho. Parece que os mercenários estão novamente ativos. Por isso — apontou para três homens e duas mulheres, — vocês, Dogan, Kasim e Heyreddin; e vocês, Evraniki e Irini — quero que esquadrinhem a área agora!

Os cinco levantaram-se silenciosamente, fazendo uma vénia a Ezio antes de saírem.

— Os outros, voltem ao trabalho — ordenou Yusuf, e os restantes Assassinos dispersaram-se.

Quando ficaram sozinhos, Yusuf virou-se para Ezio com um olhar de preocupação na face.

— Meu Mentor. As suas armas e a sua armadura parecem necessitar de renovação; e as suas vestes, perdoe-me, estão num estado lastimável. Vamos ajudá-lo. Mas temos muito pouco dinheiro.

Ezio sorriu.

— Não há problema. Eu não preciso de nada. E prefiro tomar conta de mim mesmo. Está na altura de explorar a cidade sozinho, para ela me entrar no sangue.

— Não vai descansar primeiro? Refrescar-se?

— Descansarei quando a minha missão estiver concluída. — Ezio fez uma pausa. Desprendeu a sua bagagem e retirou a lâmina oculta quebrada. — Não haverá por aí um ferreiro ou um armeiro experiente e suficientemente confiável para arranjar isto?

Yusuf examinou os danos e depois, lenta e pesadamente, abanou a cabeça.

— Esta, segundo o que sei, é uma das lâminas originais forjada segundo as instruções de Altaïr no Códice que o vosso pai encontrou; e o que pede pode ser impossível de concretizar. Mas se não o conseguirmos, vamos assegurar-nos de que não tem falta de armamento. Deixe comigo as armas de que não precisa e eu farei com que sejam limpas e afiadas. E haverá roupa lavada preparada para quando regressar.

— Estou muito agradecido. — Ezio dirigiu-se para a porta. Quando se aproximou, a jovem porteira loira baixou os olhos com modéstia.

— Azize será a sua guia se desejar, Mentor — sugeriu Yusuf.

Ezio virou-se para sair.

— Não. Eu vou sozinho.